

A ARTE E A ARQUITETURA
PROPOSTA DE **INTERVENÇÃO ARTÍSTICA** - UFT, BLOCO 1

DOUGLAS **JACINTO** DOS REIS

PROPOSTA DE **INTERVENÇÃO ARTÍSTICA** - UFT, BLOCO 1

Trabalho de Curso, apresentado ao curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal
do Tocantins, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | CAMPUS PALMAS TO

ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
DEZEMBRO DE 2020

DOUGLAS JACINTO DOS REIS

ORIENTADOR
PROF. ARQ. ESPEC. ÉBER NUNES FERREIRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R375a Reis, Douglas Jacinto dos.

A arte e a Arquitetura: Proposta de intervenção artística no Bloco 1 - Universidade Federal do Tocantins . / Douglas Jacinto dos Reis. – Palmas, TO, 2020.

80 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2020.

Orientador: Eber Nunes Ferreira

1. Intervenções artísticas públicas. 2. Arte e Arquitetura. 3. Transformação dos espaços coletivos. 4. Influências da arte da arquitetura. I. Título

CDD 720

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Douglas Jacinto dos Reis

A ARTE E A ARQUITETURA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NO BLOCO 1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Trabalho final de graduação apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do
Tocantins, como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Arquiteto e Urbanista.

Data da aprovação: 14 / 12 / 20

Banca examinadora: 14 / 12 / 20



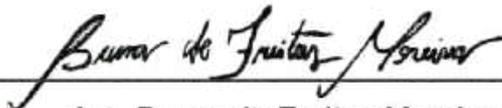
Prof. Arq. Esp. Eber Nunes Ferreira
Orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



Prof.^a Dra. Ana Beatriz Araújo Velasques
Examinadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



Arq. Bruna de Freitas Moreira
Examinadora externa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

PALMAS - TO

Dezembro, 2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus pelo dom da vida. À minha família e amigos por terem acreditado em mim, por terem sido minha segurança e por toda a força.

À meu orientador Prof. Arq. Espec. Éber Nunes Ferreira, principalmente pela paciência, por todo apoio, pela amizade sincera, atenção e dedicação nas orientações.

À professora Arq. Dra. Ana Beatriz Araújo Velasquez por ter me apoiado, encorajado a seguir meu coração e intuição no começo de todo esse processo colorido e iluminado. À todo o corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins pelos ensinamentos que me direcionaram até aqui.

À FeNEA, Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura, que faz a gente se encontrar, pelos numerosos e inspiradores encontros de estudantes, onde fiz tantos amigos e aprendi tanto. À turma 2013/1 por ter acreditado em mim.

À Letícia Bonato pelo apoio emocional e por ter doado os livros que foram de extrema importância para que esse trabalho fosse concluído, e é claro, aos meus queridos amigos Beatriz e Alfredo pela paciência e pelo apoio, pelas lágrimas enxugadas, e por serem as pessoas que estiveram comigo desde o início.

À minha querida avó Mariinha pelas doses de pinga, pelas boas risadas e pela energia maravilhosa que me manteve firme durante esses quase oito anos, e ao meu primo Fábio, por ter acreditado que isso seria possível lá em 2012, e por ter sido minha base. Amo todos vocês.

Muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção no Bloco 1, situado na Universidade Federal do Tocantins, trazendo a luz da inquietação artística através da arte urbana. A intervenção parte do conceito Site Specific (arte criada especialmente para determinado espaço) onde a interação com a arquitetura do lugar e demais elementos, mostra como a arte deixa de ser uma obra isolada num quadro ou galeria e passa a coexistir com o espaço onde está inserida.

Trazendo a psicologia das cores, arte urbana em diversos contextos, a intenção é propor espaços lúdicos que acolham e inspirem os usuários e transeuntes, melhorando a qualidade dos espaços coletivos do edifício, incentivando a produção criativa dos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, ao mesmo tempo que torna a arte pública e acessível, estimulando a amabilidade urbana.

Palavras-chave: Intervenção artística, criatividade, amabilidade urbana, transformação dos espaços coletivos.

ABSTRACT

This graduation thesis aims to present an intervention proposal in Block 1, located at the Federal University of Tocantins, bringing to light the artistic restlessness through urban art. The intervention starts from the Site Specific concept (art created especially for a given space) where the interaction with the architecture of the place and other elements, shows how art ceases to be an isolated work confined to the paint or gallery and starts to coexist with the space where it is inserted. The work brings the psychology of colors and basic geometry concepts, the intention is to create playful spaces that welcome and inspire users and passers-by, improving the quality of the building's collective spaces and encouraging the creative production of students in the Architecture and Urbanism course, at the same time making art that is public and accessible, stimulating urban kindness.

Keywords: Artistic intervention, creativity, urban kindness, transformation of collective spaces.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- 1.1 INTRODUÇÃO Pag 9
1.2 OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA Pag 10

ENFOQUE TEÓRICO

- 2.1 A ARTE E ARQUITETURA Pag 14
2.2 A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS NOVOS ESPAÇOS CRIATIVOS Pag 18
2.3 AS CORES: INFLUÊNCIAS, SIGNIFICADOS E PSICOLOGIA Pag 21
2.4 INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS Pag 27
2.5 RESIGNIFICAÇÃO ESPACIAL ATRAVÉS DA ARTE Pag 30
2.6 A INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E A AMABILIDADE URBANA Pag 33

ESTUDOS DE CASO

- 3.1 ESCOLA PAJOL Pag 36
3.2 MAPLE BEAR CANADIAN PRE NURSEY SCHOOL Pag 39
3.3 MURAL DA ESCUTA - USP Pag 42

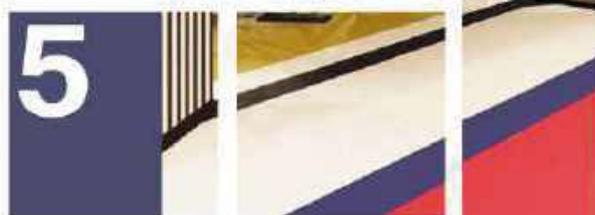
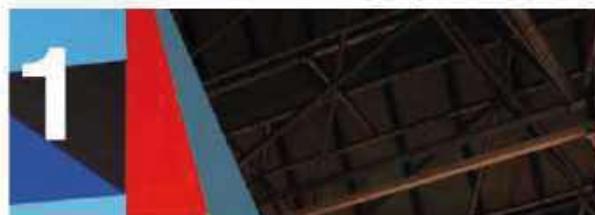
O LUGAR

- 4.1 A UFT Pag 46
4.2 BLOCO Pag 50
4.3 ANÁLISE DOS ASPECTOS FÍSICOS Pag 54

INTERVENÇÃO/PROPOSTA

- 5.1 CONCEITO Pag 61
5.2 DIRETRIZES Pag 62
5.3 PROPOSTA E APOSTA
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS Pag 62

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS Pag 78



1.1 INTRODUÇÃO

A partir das novas posturas adotadas pela arte contemporânea, os espaços criativos e expositivos outrora neutros e emoldurados pelas galerias e museus, são agora apreendidos pelo artista e pela obra, onde os espaços públicos que recebem arte se tornam parte da obra a ser exibida, e o ser humano se torna parte fundamental na composição dessa obra no momento em que se permite observar e refletir sobre determinado espaço de intervenção.

Baseado no compartilhamento de conhecimentos e idéias, fortalecendo a colaboratividade e a expansão do universo criativo entre os indivíduos, o Bloco 1, predominantemente destinado à atividades acadêmicas do curso de Arquitetura e Urbanismo, apresenta condições favoráveis a inserção de um novo cenário criativo que inspire e incentive os usuários do mesmo.

A presença da arte nos espaços coletivos tem o poder de mudar a percepção espacial, gerando diversos estímulos que potencializam a produtividade e a criatividade dos indivíduos, proporcionando bem estar, melhorando assim a qualidade de vida dos usuários de determinado espaço, inspirando a vontade de criar e explorar novos meios de se relacionar com o espaço.

A arquitetura é a arte de projetar espaços, é o processo artístico e técnico que envolve a elaboração de espaços organizados, criativos e eficazes para abrigar diferentes tipos de atividades humanas. Estudar arte, consumir arte, é um exercício diário para alunos e profissionais da área de arquitetura, e a partir disso nasce o desejo de transformar o bloco 1, em um lugar que inspire o fazer artístico, arquitetônico e estimule a energia criativa dos usuários do lugar.

Nos próximos capítulos serão apresentados exemplos de como a arte contemporânea vem influenciando e sendo influenciada pelo meio, analisando espaços insurgentes de espaços coletivos que buscam essa integração entre a arte e o espaço, e o fazer criativo.

1.2 OBJETIVO, JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

OBJETIVO GERAL

Elaborar uma proposta de intervenção artística no edifício (Bloco 1) situado na Universidade Federal do Tocantins, com enfoque na arte como experiência latente, fazendo um paralelo entre a arquitetura e a arte como universos que podem coexistir, com o intuito de potencializar a produção criativa dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo, melhorando a qualidade dos espaços físicos, tornando-o mais atrativo e inspirador, e ao mesmo tempo tornar a arte acessível e pública.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como a prática artística em determinado meio pode contribuir para a reflexão e apropriação dos espaços coletivos de criação e aprendizado.
- Diagnosticar espaços com potencialidades para receber as intervenções, elaborando diretrizes que nortearão o projeto.
- Trazer a luz da inquietação artística da intervenção em ambientes educativos/criativos, como elemento motivador de transformações permanentes nos espaços físicos do Bloco 1, numa escala comunicativa e relacional, e intelectual.
- Estimular novos modos de fruição dos espaços internos do edifício, através da arte.
- Criar espaços interativos que estimulem as produções criativas, melhorando também a ambiência proporcionando conforto e bem estar.
- Explorar o bloco 1 também como espaço expositivo, para que os alunos possam expor seus trabalhos como forma de estimular a troca de experiências e saberes.

JUSTIFICATIVA

Ao incentivar a arte e cultura em espaços de usos públicos cria-se um local de intervenções e possibilidades que não podem ser mensuradas, área de relações com o espaço e o social de modo correlacionado com diversidade de encontros, pensamentos, vivências, inspiração e expressão do indivíduo no espaço, também incentivando a união de culturas que se relacionem gerando um espaço positivo de contatos mais profundos, interagindo entre o ver, ouvir e participar.

O bloco 1 como ambiente de troca de idéias e pensamentos, traz um conjunto de fatores que potencializam a ideia de intervenção. Um edifício onde pessoas criativas se unem todos os dias para discutir cidades, Arquitetura, sentidos estéticos e inovação, é um ambiente que necessita de espaços criativos e inspiradores. O projeto de intervenção, vem para incentivar a produção criativa, ao mesmo tempo que inspira e interage com os usuários numa escala relacional e ativa onde o usuário se torna parte da obra que agora coexiste com o espaço.

Por também possuir um caráter de edifício passagem, que recebe um grande fluxo de pessoas no seu corredor principal, o bloco 1 se torna ainda mais importante quando falamos de democratização da Arte, onde a arte deixa de ser produto de museus e galerias e toma proporções externas e ainda mais ricas, sendo um atrativo para os transeuntes, gerando outros tipos de reflexão e também de interação entre indivíduos e o espaço.

Pretende-se com este trabalho, mostrar como a Arte em todos os seus suportes, sendo visuais ou plásticas, podem interferir diretamente no cotidiano dos usuários, proporcionando novas experiências e discussões positivas no que tange a arte e a arquitetura e as noções estéticas sobre como o espaço pode contribuir para o amadurecimento pessoal, social e profissional dos indivíduos.

METODOLOGIA

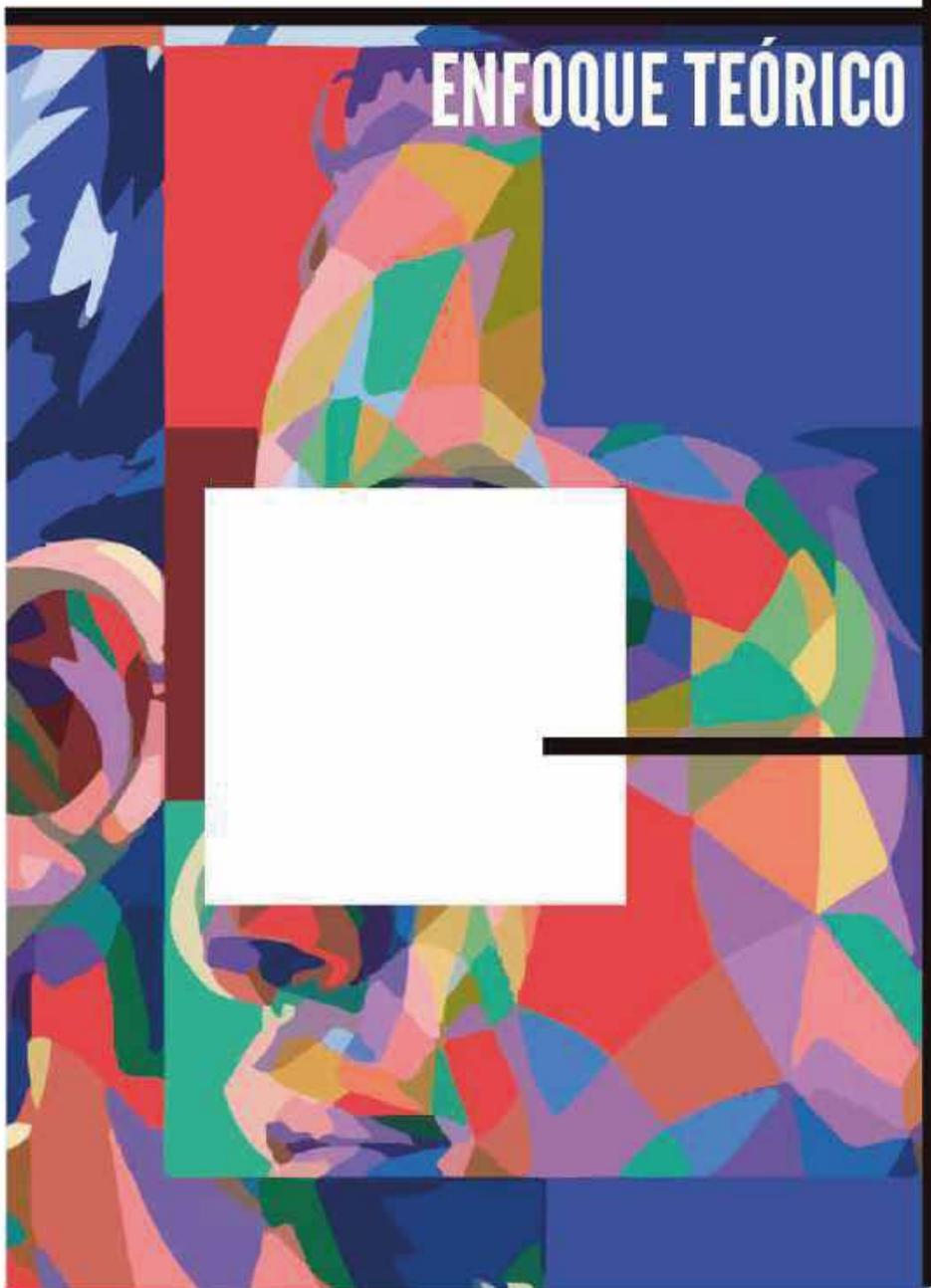
A elaboração do presente trabalho pode ser entendida em 3 partes: Enfoque teórico e entendimento do tema; Análise de potencialidades do espaço escolhido; e Elaboração da proposta de intervenção.

O enfoque teórico traz apresentações e discussões sobre arte contemporânea, arte urbana, e espaços criativos e expositivos como forma de entender o que são intervenções artísticas em espaços não institucionais e a importância de tais ações em ambientes como o caso do bloco 1, que possui caráter de ambiente criativo. Estudar o significado das cores e sua relação com a arquitetura também foi fundamental para que fosse possível intervir de forma assertiva e consigamos chegar ao objetivo final que é transformar os espaços internos no edifício, tornando-os mais agradáveis e inspiradores.

Em análise de potencialidades do espaço, realiza-se uma introdução ao histórico de ocupação da Universidade, entendendo o Bloco 1 como um espaço positivo dentro do Campus, através de seus fluxos, usos, e relação com o entorno, para identificar diretrizes para proposta de intervenção.

A proposta de intervenção encontra-se dividida em 2 etapas, a primeira sendo a análise dos espaços físicos, onde é feita uma breve caracterização dos ambientes, identificando os espaços adequados para a implantação da proposta de intervenção, e a aplicação da intervenção nos ambientes internos no edifício.

A proposta, trata-se de um projeto intervenções artísticas plásticas e visuais, que contemplam o muralismo, grafite, escultura e mobiliário, aplicada aos ambientes mostrando diversas possibilidades de transformação dos espaços físicos adotando novas técnicas que não as convencionais.



2.1 ARTE E ARQUITETURA

A arte da década de 60 em diante, trouxe mudanças em ideias quanto ao conceito de arte com o surgimento de obras site-específicas, onde o espaço, a implantação da obra, passou a influir no significado desta. Essas obras quebraram barreiras ao sair do ambiente de arte tradicional, como as galerias, por exemplo, e passar a ocupar locais como a cidade. A Enciclopédia Itaú Cultural (s.d.) menciona que:

O termo *sítio específico* faz menção a obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Trata-se, em geral, de trabalhos planejados - muitas vezes fruto de convites - em local certo, em que os elementos esculturais dialogam com o meio circundante, para o qual a obra é elaborada. Nesse sentido, a noção de *site specific* liga-se à ideia de arte ambiente, que sinaliza uma tendência da produção contemporânea de se voltar para o espaço - incorporando-o à obra e/ou transformando-o, seja ele o espaço da galeria, o ambiente natural ou áreas urbanas.

De acordo com Peixoto (1998), partir deste ponto de vista, ao ocupar a cidade, a arquitetura tornou-se uma tela, um suporte de arte no ambiente urbano. Assim o espaço físico transformou-se ator na relação entre a arquitetura e arte, reforçando a arquitetura como base para arte, e a arte como elemento transformador do espaço onde está inserida. E este espaço físico não constitui meramente um ambiente para as obras de arte (os objetos), mas um local de promoção de experiências para as pessoas que nele se encontram.

Ao observar uma obra, a primeira impressão abrange o ambiente físico onde esta se encontra e como este se relaciona com outros elementos da arquitetura existentes. Este espaço não meramente material, se diferencia dos outros observados pelas ciências exatas, ao incluir a percepção dele pelos sentidos, colocando como expressão do ser humano sentimentos e significados, criando uma memória individual, onde cada observador cria essa própria memória. Assim, a arte consiste em tornar uma ideia clara e objetiva quanto possível, através dos meios mais adequados influenciando e sendo influenciada pelo espaço para qual foi projetada.

Como argumenta Agan (1992), fundamento da arte concreta por exemplo é a plena identidade entre idealismo e objetividade da forma geométrica, não se traduz em pintura, escultura, mas em uma ideia. Só assim ela pode ser projetiva, ou seja, fator paradigmático para a construção da realidade, e, ao mesmo tempo universal, isto é, imune aos conteúdos particulares ou individualistas, podendo ser pintura, escultura, não necessariamente literal mas uma abstração, pressuposto fundamental para que ela alcance efetivo sentido de utilidade funcional. Nesse plano de idéias, a arte finalmente está preparada para voltar a se integrar no ciclo da produção e, assim, retomar a sua relevância social interligada ao ambiente, pois a arte é fruto de tudo o que nos circunda, inclusive a arquitetura.

Ao abordar Arte e Arquitetura, rapidamente vem a mente as obras neoplasticistas cuja essência parte das formas e cores primárias como abstração do mundo, e reforça a ideia que a arte não necessariamente deve ser produto de galerias ou museus, a arte pode estar em tudo, em todos os lugares, inclusive dentro de ambientes criativos de educação, como no caso do presente trabalho.

De acordo com Argan (1992), o Neoplasticismo tem origens na filosofia neoplatônica do matemático Schoenmaekers, que estuda a matemática plástica, aplicando a vida. A teoria Neoplástica prega a ordem e a harmonia da pintura em uso prático. Redesenhar o mundo e criar uma sociedade perfeita onde as formas de arte habituais não seriam necessárias, nós viveríamos dentro da arte, e é a partir deste entendimento que podemos imaginar a arte e a arquitetura coexistindo, por que não viver dentro da arte?

O Neoplasticismo faz referência a um conjunto de trabalhos produzidos entre 1917 e 1913 nos Países Baixos, Piet Mondrian, um artista de nacionalidade holandesa criou este termo que até hoje nomeia esta tão importante arte. Mondrian defendia que a arte deve ser liberta das referências figurativas e de detalhes de objetos naturais realistas de caráter individual, ou seja, deve ser desnaturalizada. Para atingir este objetivo o artista reduziu os elementos possíveis para a criação artística a duas formas (linha reta e o retângulo) e às cores neutras como o preto, branco e tons de cinza, além das cores primárias como o vermelho, amarelo e azul. Argan (1992).

Broadway Boogie-Woogie, Piet Mondrian Museu de Arte Moderna de Nova York



Fonte: The New York Times, 2015.

Talvez seja por conter esse misto de estética e lógica que as obras do Neoplasticismo influenciaram tanto a arquitetura. A arquitetura é algo cujo sentido estético está relacionado diretamente às formas tridimensionais, que seguramente se relacionam à geometria e à matemática, e traz, ainda, em seu bojo, a tentativa de solucionar problemas relativos ao cotidiano, materializando as necessidades humanas, por isso a arte Neoplasticista tem tanta relação com a arquitetura, por terem desejos parecidos esteticamente e intelectualmente.

Modrian era um mestre quando se tratava de criar expressão usando temperaturas diferentes de branco. Percebe-se em suas obras a maestria com que conseguia também equilibrar o espaço pictórico através das relações entre cores, linhas e formas. Ambientes com boa distribuição, organização, harmonia e equilíbrio dos sistemas de iluminação provocam em nossa visão, sensações muito mais prazerosas do que ambientes onde esses mesmos sistemas estejam espalhados aleatoriamente e sem cuidados.

"Não admira, pois, que a concepção espacial de Mondrian tenha exercido uma profunda influência sobre a arquitetura; e não tanto sobre as formas Arquitetônicas, e sim sobre sua valorização da funcionalidade vital dos espaços, sobre a planimetria que os define e os distribui, sobre o projeto." (ARGAN, 1992, p. 22)

A obra de Mondrian não se inscreveu apenas na pintura, foi além. Uma das primeiras transposição para a arquitetura dos princípios explorados por Mondrian na pintura, deu-se na forma de uma modesta casa de dois pavimentos, o primeiro projeto construído de Gerrit Rietveld - concebido para a viúva Truus Schröder e seus três filhos na cidade de Utrecht, na Holanda.

Construída entre 1923 e 1924, o projeto da Casa Schröder adaptou os planos vibrantes de cor e os grids das telas de Mondrian para uma série de perfis metálicos pintados de vermelho, azul e amarelo que compõem os elementos construtivos da casa, enquadrando os planos das lajes e paredes que se deslocam criando uma sensação de movimento contínuo através de sua arquitetura.

As paredes não estruturais se organizam de forma livre pelo espaço interno, permitindo uma completa flexibilidade espacial. Na ideia de Arte coexistindo com a arquitetura, este é um dos primeiros exemplos de que se tem registro, o Site Specific, a arte dentro da arquitetura agindo sob os mesmos conceitos estéticos e funcionais.

Casa Truus Schröder



Fonte: ArchDaily Brasil, 2017.

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/884919/truus-schroder-permutacao-experiencia-espacial-e-geometria>. Acesso em: 8 nov.2020

2.2 A arte contemporânea e os novos espaços criativos.

A arte Contemporânea surge a partir de rupturas de determinados condicionamentos da arte moderna e academicista, adotando novas posturas que questionam os procedimentos e modelos tradicionais de museus e galerias. As experiências visuais inscrevem-se de algum modo, no âmbito do urbanismo, tendo em vista que, segundo Giulio Carlo Argan (apud CARTAXO, 2009):

“Faz arte o escultor, faz urbanismo o pintor, e até mesmo quem compõe uma página tipográfica. A partir daí, alteram-se as relações entre artista-obra-público.

Observa-se então que a arte se relaciona com o locus, alterando o modo como é exibida, tornando os transeuntes agora em expectadores da arte. Surgem aí novas categorias artísticas que exploram a tridimensionalidade e a efemeridade do lugar e da cidade como espaços lúdicos, arte de ação (happenings) (forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas. Neste tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repete da mesma maneira a cada nova apresentação) land art, grafite, e obras site-specific, que se caracterizam principalmente pela integração das características do ambiente ao conceito artístico.

Com o surgimento dessas novas manifestações artísticas, novos modelos de espaços criativos e expositivos vão surgindo, onde o público e o local ou atividades realizadas ali, se tornam parte da obra, onde a arte, o espaço e o público, se unem para a criação de espaços a serem experimentados e sentidos, não somente contemplados. É onde a arte sai das galerias para experimentar espaços maiores, de todos os tipos.

Na tentativa de reavaliar os espaços institucionais, em si, idealizados, os artistas buscaram novos lugares, promovendo, conseqüentemente, novas manifestações estéticas. O espaço asséptico da galeria ‘cubo branco’, puro e descontaminado, foi substituído pelo espaço impuro e contaminado da vida real. Surgem os espaços alternativos para a arte: as ruas, os hospitais, os cruzamentos de trânsito, os mercados, os cinemas, os prédios abandonados etc. (CARTAXO, 2009, p.43)

Figura: Os Parangolés (1964) Hélio oiticica
Inspirado pelo samba, Parangolés são capas para serem vestidas pelo participante de um happening, onde oiticica diz que trata-se de incorporação do corpo na obra e da obra no corpo.



Fonte: Cultura Genial, 2016
Disponível em: <https://www.culturagenial.com/helio-oiticica-obras-compreender-trajetoria/> Acesso em 22 fev. 2020

Cildo Meireles, Desvio para o vermelho 967-84,
Foto: Pedro Motta (1967-1984)



Fonte: Inhotim, 2014.
Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/desvio-para-o-vermelho-i-impregnacao-ii-entorno-iii-desvio-2/> acesso em: 12 nov. 2020.

Nos exemplos de arte Site Specific abaixo, é possível perceber como a arte contemporânea traz o caráter expressivo e provocativo. A arte agora faz parte do ambiente onde se situa, como forma de estimular a reflexão dos expectadores, que agora são expectadores ativos e parte da obra. As obras de arte saltam dos quadros pra ocupar o espaço coletivo, se relacionando com o locus, trazendo volumes, formas e principalmente as cores para perpetuar a ideia de intervenção como elemento motivador de mudanças sociais e individuais.

Obra Segredos - os Gêmeos. 2020



Foto: sitealobahia (2020)
Disponível em: Pinacoteca.acessado em:
[https://pinacoteca.org.br/programacao/
osgemeos-segredos/](https://pinacoteca.org.br/programacao/osgemeos-segredos/) acesso em: 7 Dez. 2020.

Mural Rak.- 2013



Foto: Rak - Białystok, Poland, 2013

2.3 AS CORES; SIGNIFICADOS E PSICOLOGIA

A cor é um dos principais elementos que compõe uma obra de arte, e também a mais marcante. Assim como nas obras de arte, na arquitetura isso também acontece. As cores nos ambientes, as vezes imperceptíveis, fazem toda a diferença na experiência do usuário, e para que seja possível entender essa relação, primeiro é preciso entender o que é a cor e como somos influenciados por ela.

A Cor é uma substância material que, de acordo com sua natureza, absorve e reflete os raios luminosos integrantes da luz que se propagam sobre ela (RAMBAUSKE, s.d., p.16). Assim, a cor não é apenas um elemento decorativo ou estético, mas também, um fundamento da expressão, no qual está ligado aos princípios sensoriais e espirituais (FARINA, 1986)

Para Rambauske (s.d.), é o sentimento provocado pelo funcionamento da luz em cima do órgão da visão, pois seu aparecimento depende da existência de dois elementos: da luz (objeto físico, que age como estímulo), e do olho (aparelho que recebe, trabalhando como tradutor do fluxo luminoso, separando-o ou revezando-o por meio da função seletora da retina.

As cores e suas percepções são responsáveis por uma série de estímulos conscientes e inconscientes em nossa relação psíquico espacial. Assim como os próprios elementos construtivos que compõe o objeto arquitetônico, a aplicação das cores nas superfícies também influencia a experiência do usuário no espaço.

Descrever a relação das cores sob os diferentes aspectos que as regem ou mesmo a sucessão de estudos existentes é tão complexo quanto extenso. A cor pode ser associada à Psicologia, Simbolismo ou Misticismo; obtém diferentes significados de acordo com o período artístico, histórico ou mesmo cultura; dispõe de mudanças físicas a partir da relação junto à luz; entre outros.

Exemplo de recepção de raio luminoso por olho humano.



Fonte: Framkaut (s.d., p.18).

Em decorrência disso, para (BROWN; FARRELY, 2014)., as cores são classificadas em:

- a) Cores primárias: vermelho, amarelo, e azul;
- b) Cores secundárias: laranja, verde e roxo ou violeta;
- c) Cores terciárias: violeta avermelhado, violeta azulado, verde azulado, verde amarelado, laranja amarelado, laranja avermelhado.

Nesse contexto, segundo Rambauske (s.d, p.22): A cor secundária é produzida em equilíbrio ótico por duas cores primárias — vermelho, verde, violeta. Já a terciária é a intermediária por meio de uma cor secundária e qualquer uma das primárias que lhe dão origem. E, quanto às complementares, são as cores que, simultaneamente, se neutralizam, resultando no cinza neutro. Opostas no círculo das cores — uma é quente e a outra é fria. Sob esse enfoque, segundo Silva (2004, p.72): Cor fria: Sempre que quisermos iluminar um ambiente que induza a produtividade, temos que optar por temperatura de cor mais alta, luz mais branca uma vez que anima e estimula.

"As cores quentes são estimulantes e produzem as sensações de calor, proximidade, opacidade, seca e densidade. Em contraste, as cores frias parecem nos transmitir as sensações de frias, leves, distantes, transparentes, úmidas, aéreas e calmantes" (FREITAS, 2007, p.4). Também, cor morna: "quando o ambiente a ser iluminado for para deixar as pessoas relaxadas, com conforto, devemos utilizar temperaturas de cor mais baixas, luz mais amarelada. A luz mais amarelada relaxa e acalma" (SILVA, 2004, p.72).

Com base no que é estudado dentro do curso de Arquitetura, e também no âmbito das artes visuais, sabe-se que as diferentes cores afetam a mente e as emoções de diversas formas, e esse é um aspecto que os Arquitetos, Artistas visuais e designers de interiores devem considerar ao definir um aspecto cromático para um determinado espaço, seja externo ou interno, já que todas as cores criam um espectro eletromagnético e a vibração de cada uma delas tem seu próprio comprimento de onda, a qual produz diferentes reações físicas e emocionais em cada indivíduo (GIBBS, 2014, p.114)

De acordo com Gurgel (2002, p.250): Vivemos rodeados, totalmente imersos num mundo de cores, e nossa reação a elas é profunda e intuitiva, embora não percebamos. As cores estimulam nossos sentidos e podem encorajar o relaxamento, o trabalho, o divertimento ou o movimento. Podem nos fazer sentir mais calor ou frio, alegria ou tristeza, ou ainda estimular nosso apetite.

Diante disso, é indispensável compreender o impacto psicológico que os estímulos visuais podem ter nos usuários de um espaço ou lugar, pois os materiais coloridos ou os desenhos podem ser aplicados com o objetivo de expressar identidades culturais e religiosas, riquezas e status, além de acalmar as pessoas e encorajá-las a relaxar ou para estimulá-las e animá-las (BROWN; FARRELY, 2014).

Somado a isso, a cor altera a visão aparente da distância, dimensão, peso, temperatura, podem animar ou deprimir, estimular e tranquilizar, entretanto, uma má aplicação pode resultar em sensação de cansaço e tensão, porém, um uso equilibrado da cor é capaz de enriquecer o ambiente, amenizar o aborrecimento e evitar incidentes (RAMBAUSKE, s.d., p.17).

Segundo Azeredo (1987, p.149): Outra influência sensível é o da cor sobre o ambiente em que é usada e sobre as pessoas que nesse ambiente permanecem. É o exemplo das cores claras, que possuem maior poder de refletir a luz ou do verde e azul que acalmam, ou do vermelho e alaranjado que estimulam. Grande avanço tem atingido a tecnologia das tintas, pondo à disposição materiais de recobrimento sofisticados, além de introduzir melhorias acentuadas nos produtos tradicionais

Assim, segundo Rambauske (s.d., p.33), podemos elencar um conjunto de características específicas para cada cor:

Azul: Símbolo do espaço aéreo, da imensidade do céu, o azul, aumenta visualmente os espaços. O seu significado emocional desdobra-se espontaneamente entre a luz e a escuridão. É a cor do sonho, da ingenuidade, da inocência (RAMBAUSKE, s.d., p.33).

Amarelo: É a mais feliz de todas as cores. É a cor característica da primavera. São poucos os aspectos negativos do amarelo. É uma cor alegre, mas não é muito popular. É a mais luminosa das cores (RAMBAUSKE, s.d., p.32).

Vermelho: Cor do fogo, quente por excelência. Cor do sangue é o símbolo da vida, da sexualidade, do movimento, da criação, está relacionada com o coração, com a carne e com a emoção. Cor do amor. As emoções provocadas pelo vermelho são as mesmas que ativam o sangue: a partir do amor e da coragem, até a luxúria, o crime, a raiva e a alegria (RAMBAUSKE, s.d., p.29).

d) Verde: É a cor do vegetal, da árvore, da natureza. Está relacionado com o equilíbrio emocional. É a cor da primavera, da renovação da vida, portanto, da esperança, que acalma as angústias. O uso do verde, aplicado a ambientes internos por exemplo, estimula o equilíbrio emocional. É a cor da primavera, da renovação da vida e da esperança, transmite uma sensação de tranquilidade, de segurança e equilíbrio, pode ser aplicado junto ao marrom que em ambientes educacionais infantis pode passar a a sensação de um ambiente acolhedor e seguro para as crianças podendo atribuir a composição o vermelho que proporciona e estimula a energia criativa.(RAMBAUSKE, s.d., p.32).

e) Roxo: Em psicologia, está relacionado com a intimidade e a purificação, e indica sentimentos profundos. Cor triste e fria. O aparecimento do violeta na aura humana se interpreta, se é clara, enquanto algo espiritual, porém, enquanto algo depressivo se é escura. É o limite visível da alma: simboliza o sofrimento, a renúncia, o arrependimento (RAMBAUSKE, s.d., p.31).

É possível notar a presença da psicologia das cores em trabalhos de alguns consagrados nomes da história da arquitetura. Enquanto na obra de Luís Barragán a cor evidencia a pureza espacial como elemento emergente à emoção, Álvaro Siza adere ao acromatismo das superfícies. Se Lina Bo Bardi emprega o vívido vermelho a alguns elementos arquitetônicos, Legorreta adota cores exuberantes provenientes da cultura mexicana, cada proposta com uma intenção, uma cor e um significado. O que mostra o quão pertinente é o estudo das cores no contexto social, urbano, e arquitetônico.

A cor é, sem dúvida alguma, a mais importante ferramenta da qual o Arquiteto dispõe. Possui a capacidade de transmitir instantaneamente a atmosfera e o estilo e de criar efeitos visuais. Também é um dos primeiros aspectos percebidos em um ambiente. As pessoas podem não mencionar o esquema cromático de um projeto, mas certamente, comentarão que um determinado ambiente é muito acolhedor, cálido, convidativo, limpo, espaçoso, elegante ou intimista - impressões diretamente provocadas pelas tonalidades de cor utilizadas (GIBBS, 2014, p.110).

Masp, lina bo bardi. 1968



Fonte: Autor, 2019

Casa Gilardi. Luis Barragán, 1976



Fonte: Acervo pessoal Manuel Mirles

LEGO House - Bjarke Ingels Group 2017



Fonte: ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/tag/lego-house>
Acesso em: 24 jun. 2020.

Projetado por BIG e COWI, a LEGO House é um centro de experiências para os fãs de todas as idades da marca, bem como um marco arquitetônico e um passo significativo para o objetivo da cidade. Os primeiros pavimentos incluem quatro brinquedotecas organizadas por cores e programadas com atividades que representam um certo aspecto da aprendizagem de uma criança: o vermelho é criativo, o azul é cognitivo, o verde é social e o amarelo é emocional. O projeto conceitua-se no despertar d criatividade e diversão através das cores e volumes, o que reforça a ideia de que as cores nos ambientes podem mudar totalmente a forma como o imaginamos.

2.4 INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS

Como cita CARTAXO, (2009), se, de início, a arte contemporânea se destacou como crítica ao confinamento cultural da arte e dos artistas, hoje, prevalece a ênfase no mundo e na vida cotidiana, em que temas como a crise ecológica, habitacional, sexual, racial etc. relevam o engajamento político-social da arte. A própria arte se torna uma arte cidadã, como se seu objetivo fosse o de dar lições de civismo, e de exibir a criação como uma terapia social.

Quando a Arte deixou o Museu em busca de um público maior, tornou, conseqüentemente, e de forma mais incisiva, 'pública' a presença da arte e do artista. O artista 'público' contemporâneo trabalha in situ, ou seja, analisa meticulosamente as condições do lugar (a escala, o usuário e a complexidade do contexto), visto que o sucesso da obra depende da recepção do observador. Com isto, o artista ampliou seus meios e passou, também, a construir incorporando novas fontes de referência como a ciência, a biologia, a construção, a iluminação, a decoração, o som, a moda, o cinema, os computadores etc.

Com a falência do projeto de modernidade e a vontade de reinstauração da subjetividade na arte, surge, na transição da década de 1940 para a de 1950, o Expressionismo Abstrato. Contudo, o caráter autocrítico destas pinturas revelou o seu distanciamento do mundo, de modo que, a partir dos anos 1960, uma nova geração de artistas buscou resgatar uma relação mais aproximada com o real. Tal reaproximação entre a arte e a realidade deu-se não apenas numa dimensão estética, mas também política, cultural e social. Neste contexto, o papel das instituições, o lugar da arte (os museus e galerias 'cubo branco'), o mercado e o público foram questionados. (CARTAXO, 2009, P.3)

Logo a arte pública se caracteriza por todo o movimento artístico ou performances realizadas em espaços públicos diversos, o que contribui para a democratização da arte tornando-a acessível a todos. Tais intervenções buscam um novo olhar estético/crítico para o lugar onde está inserida, em alguns casos ressignificam o locus e a maneira de como o usuário/transeunte percebe o espaço e também como o utiliza fazendo com que a arte se transforme em uma ferramenta de transformação espacial e social.

Como explica Pallamin (2000) “na abordagem da arte pública o problema não é a desconsideração da cidade, mas sim a perpetuação de noções mitologizadas sobre esta. Quatro tendências são destacadas nos discursos sobre arte/cidade: a cidade Como conteúdo para a arte, a arte pública “na” cidade; a cidade como obra de arte; o ambiente urbano como influência exercida sobre a experiência sensível dos artistas e expressa em trabalhos artísticos” (PALLAMIN, 2000, P, 47).

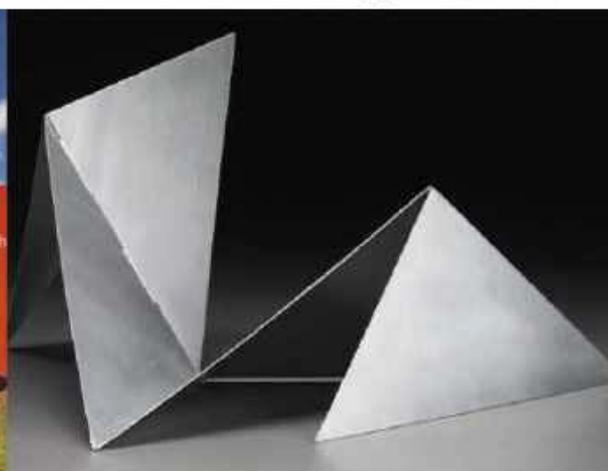
As primeiras intervenções urbanas no Brasil são realizadas em meados da década de 1960, onde nomes como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Almicar de Castro, Lygia Pape representam o pioneirismo das primeiras manifestações contemporâneas realizadas em espaços público, fundando assim o Neoconcretismo brasileiro.

Obra de Hélio Oiticica
Instituto Cultural Inhotim 1937



Foto: Leonardo finotti, S.d.

"Bicho invertebrado" de Lygia Clark 1960



Fonte: Phillips, 1984

Nos exemplos a seguir temos modelos de intervenções artísticas públicas de artistas de renome no Brasil: Os Gêmeos e Eduardo Kobra, famosos por trabalhos expressivos e impactantes que sempre abordam alguma questão social ou cultural.

Mural Creation on Rose Kennedy Greenway, Os Gêmeos , 2012



Fonte: Paul Marotta/Getty Images)

Mural Kobra, 2018



Foto: Brenda Turteutalb, 2018

2.5 RESSIGNIFICAÇÃO ESPACIAL ATRAVÉS DA ARTE

Como cita (PALLAMIN, 2000) “arte urbana e os processos de estetização contemporâneos, sintetizam uma reflexão sobre práticas artísticas e suas relações com as transformações qualitativas dos espaços.” A arte pública é enfocada enquanto um modo de construção social dos espaços públicos, uma via de produção simbólica, expondo e mediando suas conflitantes relações sociais e ao mesmo tempo estimulando novos modos de fruição dos espaços urbanos como forma de combate a alienação e a passividade da sociedade, transformando os lugares e estimulando a amabilidade urbana nos espaços coletivos de forma criativa e inspiradora.

A arte urbana se apresenta no espaço, anterior ao “fazer urbano”, como mediadora ou como “materializadora” de diversos estímulos. Não se apresenta como mera produção artística, nem pretende ironizar as problemáticas do espaço onde está inserida, ela pretende expor alguma ideia ou uma abstração da ideia, propondo para os usuários a compreensão e a possível transformação do mesmo. Dessa forma, enquanto o “fazer urbano”, propõe a transformação física do espaço, a arte urbana propõe a sua transformação simbólica, cultural e social.

Como cita (PALLAMIN, 2000), um importante requisito para a realização de qualquer intervenção artística em espaços não institucionais, como os espaços públicos por exemplo, é a participação do artista no processo de planejamento do espaço da intervenção, de forma a poder interferir no contexto real e efetivo, estando a confrontação com o contexto urbano onde o ambiente está inserido, colocada em primeiro plano, como forma de ativação dos espectadores passivos que passam e vivem diante dos contextos urbanos trabalhados em cada obra, transformando-os em usuários ativos dos espaços urbanos (Relação pessoa-espaço).

Dessa forma propõe-se a refletir sobre questões cotidianas, buscando novas formas de comunicação nos espaços de uso comum, que não as pautadas pela indiferença (relação pessoa-pessoa). No exemplo abaixo, um mural de Tom Pina, numa das sedes do spotify, onde conta um pouco da historia da música e das frequências sonoras de forma abstrata e autentica, materializando assim um pouco da atmosfera temática do espaço onde a intervenção está inserida.

Obra de VHILS, Alcântara, 2012



Foto: Rui Gaiola, 2012

Uma intervenção artística, ao estar inserida no espaço urbano público, pretende expor aos usuários, algum conflito ali existente com o intuito de promover a reflexão, proporcionar diferentes sensações e estimular a interação entre a própria arte e o observador, e entre os observadores, gerando diálogos e aproximação. A arte poderia em tese construir momentaneamente ou permanentemente espaços tácticos de alteridade interior a uma ordem instituída, incentivando a troca de experiências.

De fato, é desta maneira que se compõe uma territorialidade: um espaço permeado por sistemas de relações, as quais o constroem, produzindo cultura. Constituem-se mais como dimensões sociais, culturais, políticas: um espaço de relações, um espaço de encontros. Portanto, mais do que espaço-físico, trata-se de espaço-tempo, fruto de uma memória corporificada e uma potência de futuro: a territorialidade acontece sempre no presente, sempre na sua ação constitutiva. (MOASSAB e REBOUÇAS, 2005, p.5)

O grafite, arte por exemplo, caracterizada por inscrições e desenhos em locais públicos, oriundo da cultura hip-hop, representa um tipo de expressão que pode ser desenvolvida com propósito educativo, reflexivo, de conscientização ou apenas estético. Tendo como objetivo compreender nos espaços comuns, contribuições artísticas que transmitam mensagens educativa de forma não convencional.

Tal iniciativa promove, além de uma maior visibilidade para diferentes tipos de arte, o respeito e a igualdade, e ao mesmo tempo embeleza os espaços públicos, tornando-os mais convidativos e propícios a permanência e ao desenvolvimento pessoal do indivíduo, estimulando a amabilidade urbana .

As permanentes ressignificações fazem com que as pessoas se apropriem cada vez mais desses espaços, pois "observar a arte não significa 'consumi-la' passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador. Olhar não é um ato passivo; ele não faz que as coisas permaneçam imutáveis." (Archer, 2001, p. 235).

Mural Os Gêmeos, Lisboa. 2010



Fonte: Acervo Os Gêmeos

A intervenção artística pública é sempre um evento de intenções estéticas que tem como particularidade, sair dos espaços institucionais para tomar o espaço urbano, objetivando buscar novas formas de interação com o usuário. São iniciativas singulares ou coletivas de artistas que valorizam a criação e a sua representação no ambiente urbano trazendo fatos do cotidiano do lugar como forma de ligar a arte e o espaço urbano.

A intervenção como experiência latente, traz a materialização do oculto, subentendido. A palavra latente é um adjetivo de dois gêneros que qualifica aquilo que está encoberto, que não está aparente. No sentido figurado, latente é aquilo que está disfarçado. No contexto urbano, isso reflete as condições do espaço caótico, no contexto histórico do lugar, que as vezes passam despercebidos aos olhos do observador.

As intervenções acabam por ser motivadoras de transformações permanentes nos lugares onde estão inseridas, imersas no contexto de condição efêmera dos espaços coletivos, trazendo a provocação e a possível reflexão, criando uma memória do lugar. As intervenções deixam marcas tanto materiais como imateriais, sendo seu principal legado, o estímulo a amabilidade urbana, "antídoto" desse estado de indiferença, hostilidade e individualismo nos espaços coletivos contemporâneos, (SANSÃO,2013) P.15

Intervenção artística Artur Bordalo II, Las Vegas, 2019.



Foto: Acervo pessoal Artur Bordalo, 2020.

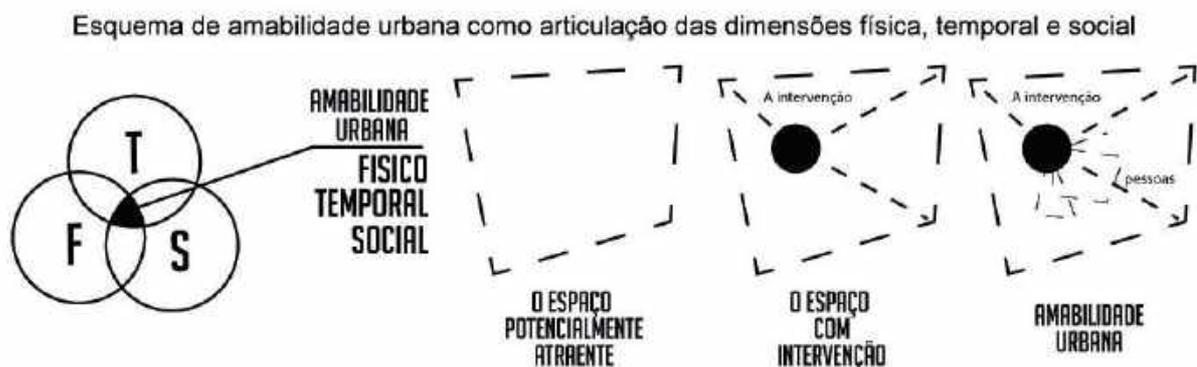
2.6 A INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E A AMABILIDADE URBANA

Amabilidade urbana como citado anteriormente, é um termo que cunha proximidade, abertura e interação entre pessoa/pessoa e pessoa/ espaço. Poderia ser considerado como um atributo de um espaço amável. Um espaço amável como cita (SANSÃO,2013), é um espaço que facilita o afeto e a proximidade opondo-se ao individualismo, característico das formas de convívio contemporâneas de pensar e agir.

O lugar de estudo do presente trabalho, é um lugar de troca de aprendizado, de experiências e de saberes, onde pessoas criativas se reúnem todos os dias para aprender e explorar novas possibilidades no âmbito da arquitetura, urbanismo e paisagismo. Potencializar estes espaços através de intervenções que aproximem e incentivem essas pessoas, é também estimular a produção criativa e melhorar as condições do ambiente, o tornando amável e mais inspirador, assim, estimulando ainda mais a energia criativa do espaço e dos usuários.

O espaço feliz e amável é poético, traz o conceito de topofilia, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” que debruça sobre o valor humano dos espaços coletivos. Ainda nesse contexto, o espaço coletivo positivo capaz de estimular a amabilidade, é também um espaço capaz de fortalecer a relação ente os indivíduos proporcionando uma melhor experiência de vida íntima, levando sempre em consideração o lugar, a intervenção e o contexto urbano onde está inserido.

Quando o espaço deixa de ser apenas um “lugar”, e se torna um espaço habitado que passa a fazer parte da memória coletiva, seja através de uma intervenção temporária ou permanente, o espaço físico se torna um espaço social. Na decorrência de determinada intervenção, é que se cria amabilidade urbana.



Elaboração: Autor

A amabilidade urbana, portanto, é uma qualidade física e social ao mesmo tempo: poderia considerá-la como resultado da soma do contexto físico (espaço potencialmente atraente) com o contexto social (pessoas), que se unem através da presença da intervenção (e com isso reforço a importância do contexto físico atraente, indispensável para a intervenção “sob-medida”). Desejo apresentar a amabilidade urbana como uma nova forma de compreender o espaço, demonstrando sua dependência do contexto urbano. (SANSÃO,2013) p.15

Ilustração: amabilidade urbana como articulação das dimensões física, temporal e social



Elaboração: Autor

ESTUDOS DE CASO



Os estudos de caso do presente trabalho trazem intervenções em ambientes educativos como forma de mostrar como a arte pode ser um elemento transformador que melhora a qualidade de vida dos usuários e proporciona melhores condições no processo de aprendizagem através das cores como fator determinante na experiência educacional dos usuários.

3.1 ESCOLA PAJOL

Localizada no 18º distrito de Paris, a pré-escola Pajol foi projetada e concebida para interagir com a região, por meio de cores e ambientes vibrantes que se integram com o entorno. O projeto é uma grande renovação, com um arranjo de espaços internos e externos junto ao design do mobiliário. O prédio da pré-escola estava em más condições, porém, as qualidades arquitetônicas eram óbvias: as amplas salas do pavimento superior já contavam com aberturas generosas para o exterior, e os tijolos traziam harmonia à edificação na fachada desse segundo andar.

De acordo com o arquiteto responsável pelo projeto, Santiago Sierra, do escritório francês Olivier Palatre Architectes, o grande desafio da obra foi tornar a escola agradável e funcional, e garantir a revitalização do bairro com sua concepção. "Nós reorganizamos os espaços e as aberturas para o pátio externo, explorando as empenas existentes, trazendo um arco iris criativo para os espaços como forma de estimular os pequenos" Explica.

Sierra conta que projetar uma escola traz muito significado e responsabilidade para a equipe. "Apoiamos crianças na pré-escola. A arquitetura foi utilizada para trazer calma e felicidade aos pequenos neste novo ciclo através estímulos visuais e físicos, é importante para eles", destaca.

Fachada escola Pajol. 2013



Fonte/Imagem: Luc Boegly, 2019.

Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?iproject=3120&index=0>. Acesso em: 24 Nov. 2019.

Imagens do pátio e ambientes internos de circulação.



Fonte/Imagem: Luc Boegly, 2019.

Disponível em: https://www.galeriadaarquitectura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?i_dproject=3120&index=0. Acesso em: 24 Nov. 2019.

Programa e pátio frontal

A edificação conta com quatro salas de aula, salas de descanso, oficina e bagunça, sala administrativa, cozinha e almoxarifado, além de biblioteca, sala mestra para atividades e eventos em geral e espaço para cultivo de plantas e flores. O pátio frontal foi concebido para ser um símbolo urbano e trazer identidade à pré-escola. Ele se desdobra em três níveis, criando um ambiente divertido para as crianças. A fachada é esculpida do piso térreo até o pátio externo, propiciando um espaço ensolarado para travessia.

Os espaços internos, com diferentes cores nas paredes, móveis de geometrias variadas e materiais heterogêneos e agradáveis ao toque, como madeira, borracha e metal, criam emoções e sensações diferentes aos espaços.

O arco-íris tornou-se a força motriz do projeto arquitetônico, com cores que vão se espalhando para baixo nas paredes e pisos da escola para orientar as crianças. Também desempenham um papel de identificação no projeto: as portas das salas de saúde são pintadas de vermelho, para traduzirem urgência, por exemplo.

Cada nível tem uma cor específica. As portas das salas de aula têm a mesma cor também no chão. Os projetistas optaram por deixar as paredes das salas de aula brancas para que os alunos possam se expressar. A linguagem da cor é a primeira registrada pelas crianças, por isso, o edifício – com cores em todos os espaços cria uma memória nas crianças.

Imagens de ambientes internos de circulação.



Fonte/Imagem: Luc Boegly, 2019.
Acessado em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?idproject=3120&index=0>

3.2 MAPLE BEAR CANADIAN PRÉ NURSEY SCHOOL

A ideologia de design de Renesa Architecture Design Interiors para esta escola, levanta um argumento para o novo estilo de arquitetura (A Renaissance of Art) para o aprendizado. A ideia por trás do tratamento arquitetônico deste espaço dilapidado era criar uma reação e uma resposta de um jovem para fazê-lo aprender com o ambiente exterior. Há uma consciência crescente entre as sociedades e a cultura de que as pré-escolas sejam diversificadas e proporcionem ambientes de aprendizagem por meio da forma artística construída.

À medida que os espaços de aprendizagem voltam a focar na aprendizagem interdisciplinar e baseada em equipe, eles estão se afastando da abordagem de ensino padronizada e única para todos. Em vez disso, está se tornando uma norma que os alunos aprendam de várias maneiras e que as diferenças sejam apoiadas. Os alunos geralmente aprendem melhor fazendo eles próprios, por isso os professores estão lá para facilitar, não apenas para instruir. Aqui, o ambiente Tetrisado construído se torna um facilitador e um catalisador para nutrir as mentes jovens e fervilhantes dos alunos do pré-escolar.

Fachada Tetris Mapple Bear, 2017.



Fonte/Imagem: por Vibhor Yadav, 2017.

A educação Montessori é um modelo interativo de aprendizagem que enfatiza a independência, a liberdade dentro de limites e o respeito pelo desenvolvimento natural, físico e social da criança. Renesa Architecture Design Interiors Studio propôs um método para conhecer plenamente as crianças e respeitar o seu desenvolvimento, para que a educação acompanhe o processo natural da vida.

Pensando o espaço nesta direção, sugere-se um ambiente preparado para a criança no qual haja elementos proporcionais à sua escala, que permitam direcionar a criança ao conhecimento. Os objetos não devem ser muitos, mas a quantidade justa e necessária para o aprendizado. Os elementos e suas formas devem ser simples; O espaço, fácil de manter limpo, sem elementos que atrapalhem o meio ambiente; Desta forma, várias atividades devem poder ser realizadas simultaneamente.

Corredores de acesso às salas de aula, 2017.



Fonte/Imagem: por Vibhor Yadav, 2017.

Sala de aula, 2017.

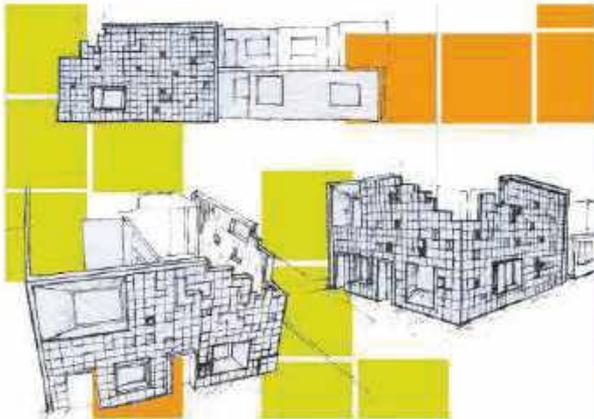


Fonte/Imagem: por Vibhor Yadav, 2017.

Jogar Tetris na fachada cria uma impressão duradoura nas mentes dos pais, bem como de seus filhos e, portanto, o aprendizado para a criança começa assim que se entra de fora e lentamente leva esse processo de aprendizagem para dentro do complexo. A estrutura do edifício existente foi modificada estruturalmente a fim de criar mais espaço e ventilação para as salas de aula e áreas comuns necessárias.

As paredes foram deslocadas de acordo com a largura de banda permitida do edifício existente e posteriormente unidas à parede externa da camada tetrisada para manter intacta a resistência da estrutura. O uso estratégico e consistente da cor estabelece uma identidade estimulante e lúdica para o campus, atuando como um tecido conjuntivo visual em toda a experiência diária das crianças. Um gradiente contínuo de cores na fachada tetrisizada cria uma adição de valor à fachada já divertida.

Croquis da Fachada, 2017.



Croquis por Renesa Architecture
Design Interiors Studio, 2017.

Fachada, 2017.



Fotos por Vibhor Yadav, 2017.

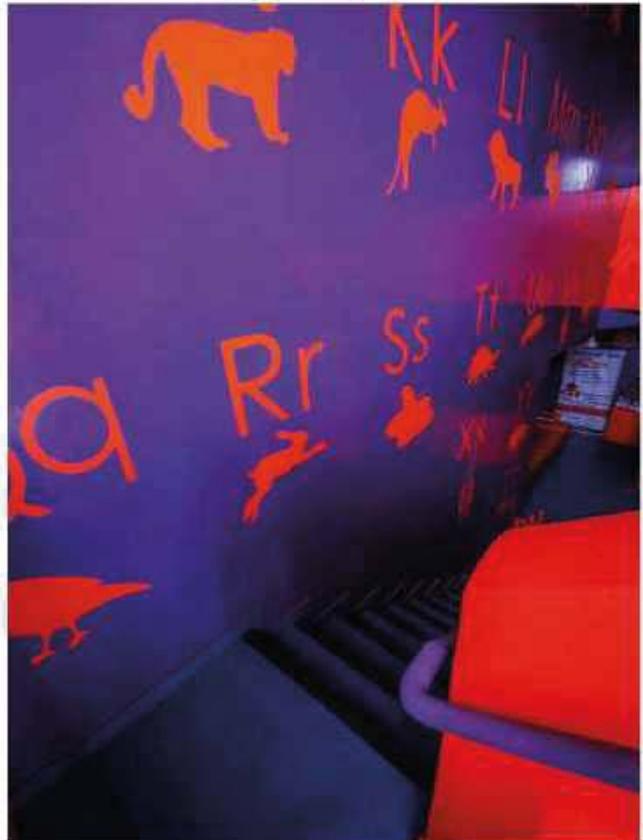
O mundo continua mudando. As formas de comunicar, de aprender, de mover evoluem. A educação não fica muito atrás. Ele responde a esse movimento contínuo de transformações. A arquitetura deve acompanhá-los; Criar espaços propícios à educação, espaços capazes de transmitir emoções, gerar pertencimento e facilitar a aprendizagem na sua forma mais natural e simples, como o tétis.

Banheiro masculino, 2017.



Fotos por Vibhor Yadav, 2017.

Escadarias, 2017.



Fotos por Vibhor Yadav, 2017.

Pela primeira vez, a USP se abre para o tema da arte urbana, em um esforço multidisciplinar que envolve diversas áreas do conhecimento, como arte, arquitetura, urbanismo, economia, turismo, história, entre outras. Faculdades, professores e alunos estão sendo engajados no processo de reconhecimento da importância da arte urbana para a cidade de São Paulo e da sua história para a arte. Com essa iniciativa, a USP se conecta ainda mais com seu entorno e conecta São Paulo com uma rede internacional de cidades criativas por meio do intercâmbio com as universidades que as representam”, destaca o reitor da USP, Marco Antônio Zago.

O Mural da Escuta foi idealizado pelo artista urbano Daniel Melim, em colaboração com as artistas Simone Siss e Laura Guimarães, para ocupar temporariamente a parede externa do prédio do Espaço das Artes, localizado em frente à Praça do Relógio, local de encontro no campus da USP, em São Paulo.

A obra evoca a importância da escuta para a valorização da voz feminina no mundo e, especificamente, no ambiente universitário. O coletivo de artistas aborda a temática a partir das experiências em seus trabalhos públicos, nos quais a mulher é sempre a protagonista. Melim discute a questão da imagem estereotipada da mulher na propaganda, desconstruindo na paisagem urbana espaços que eram dedicados à exploração dos estereótipos femininos pela publicidade. Simone Siss discute explicitamente as questões da insubmissão e dignificação da mulher, através das imagens e poesias que imprime em seus grafites. Já Laura Guimarães discute o protagonismo feminino por meio da palavra escrita, em poemas e microtextos impressos em cartazes e paredes da cidade.

Imagem Mural da Escuta completo, 2017.



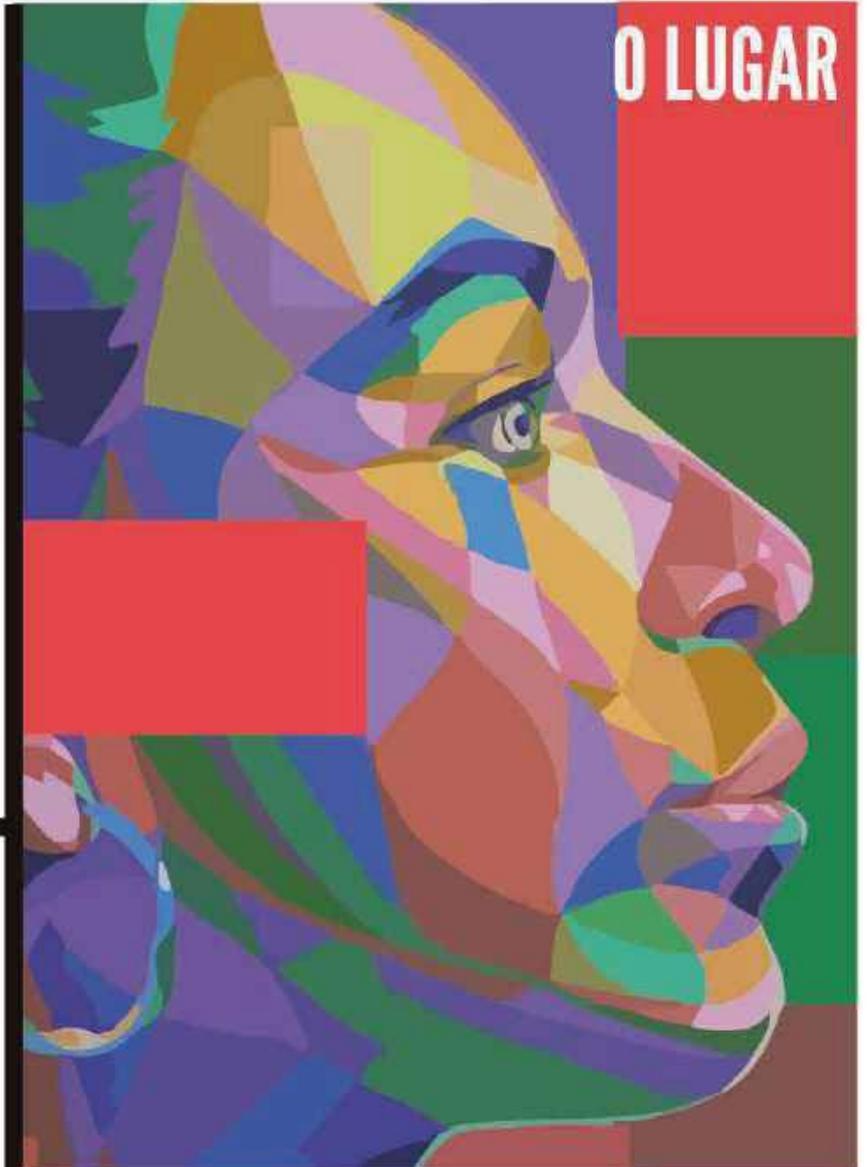
Foto: por Sylvania Seganfredo, 2017.

Na obra instalada na USP, Melim compõe as áreas de cor sobre as quais se acomodam as imagens figurativas e textos poéticos que formam o conjunto do painel. As formas geométricas que se insinuam ao longo do mural foram inspiradas nas sombras geradas pelos “Bichos”, esculturas cambiantes de Lígia Clark. As faixas verticais, de diferentes alturas e cores, que aparecem no centro do mural, representam alguns dos índices de pesquisa sobre os vários tipos de violência contra a mulher no ambiente universitário.

Simone Siss usa a máscara para simbolizar a situação de permanente discriminação a que se sujeita a mulher nos diferentes ambientes em que está determinada a conquistar espaços. As principais figuras retratadas por Siss no mural são a artista Lygia Clark e a escritora Amandine Aurore Lucile Dupin, que usava o pseudônimo masculino George Sand para poder trabalhar.

Laura Guimarães mantém uma permanente pesquisa sobre a condição feminina na sociedade contemporânea, transformando os relatos em poemas. Para o Mural da Escuta, a artista focou sua pesquisa em depoimentos de alunas que estudam e moram no campus, buscando mapear aflições e alegrias, conquistas e decepções, situações e expectativas que marcam a mulher no ambiente universitário. Um exemplo de intervenção Site Specific que aponta um problema social e que proporciona reflexões acerca da temática.

O LUGAR



4.1 A UFT

Em 23 de outubro de 2000, pela Lei nº 10.032, foi instituída a Universidade Federal do Tocantins (UFT) a partir da transferência dos cursos e da infraestrutura da Universidade do Tocantins (Unitins), mantida pelo Estado do Tocantins. Porém teve sua implantação efetiva em maio de 2003, com a posse dos primeiros professores da instituição. O Campus de Palmas da Universidade Federal do Tocantins está localizado na área oeste da capital Palmas – TO, na ALC 111 Norte, antiga ALC NO-14, Av. NS 15.

A Universidade está localizada próximo às margens do Lago da UHE Lajeado e ao Córrego Brejo Comprido. Seu acesso atualmente é realizado pela Avenida NS-15 acessada pela Avenida Juscelino Kubitschek, uma importante via da cidade que se configura como via arterial. O Campus também se localiza próximo a Ponte da Amizade e da Integração que é o acesso ao município de Paraíso do Tocantins e ao distrito de Luzimangues pela TO080. O Campus fica próximo a equipamentos importantes no centro da cidade como a Estação Apinajé, o Restaurante Comunitário, o Shopping Capim Dourado e a Praia da Graciosa.

De acordo com a professora Cláudia Rocha, arquiteta, que já trabalhou na Prefeitura do Câmpus universitário, existem na Diretoria de Obras da UFT arquivos de implantações com registros parecidos com o primeiro projeto da UNITINS datados de 1997 e 1998, contendo projetos que se assemelham ao projeto Implantado no campus, o que nos dá uma base de como funcionou o processo de ocupação desse espaço, indicando o bloco 1 nosso local de estudo com uma das primeiras unidades a serem construídas.

Assim como há também arquivos de projetos referentes ao que atualmente é conhecido como Bloco 2, e Blocos 3 e 4 em conjunto com os que são conhecidos atualmente como Blocos A, B e C, dispostos em forma radial. De acordo com a professora Cláudia Rocha (2020), possivelmente esse projeto foi abandonado devido à federalização da Universidade, que com outra gestão procurou também a execução de novos projetos. Como cita Ana Pereira (2013), em análise, o Plano geral da Universidade foi desenvolvido por meio de dois grandes eixos: Eixo norte-sul, e Eixo leste-oeste. O primeiro seria o eixo de vivência e de apoio didático, e seria o eixo de ligação entre os vários blocos de ensino, administração e pesquisa.

Esse eixo possuiria os equipamentos e serviços: anfiteatro, cantinas, diretórios, lojas, bancos, cooperativas de material didático, correio, etc.

O mesmo seria parcialmente coberto, com áreas abertas para jardins, quiosques, bancos, bancas de revista. Nesse eixo os alunos e professores e demais usuários do Campus poderiam circular entre os blocos protegidos do sol e da chuva. Ele se configuraria como local de encontro, descanso, troca de ideias, debates, por exemplo. O segundo seria o eixo de ligação, o mesmo seria descoberto e formado por uma grande calçada, conteria bancos, jardins, árvores, bancas de jornal, etc. Este seria o elemento de ligação entre os setores Universitário e Comunitário.

Mapa indicando a localização da Universidade na cidade de Palmas



Fonte: Prefeitura do Campus Universitário UFT. Adaptado. 2019

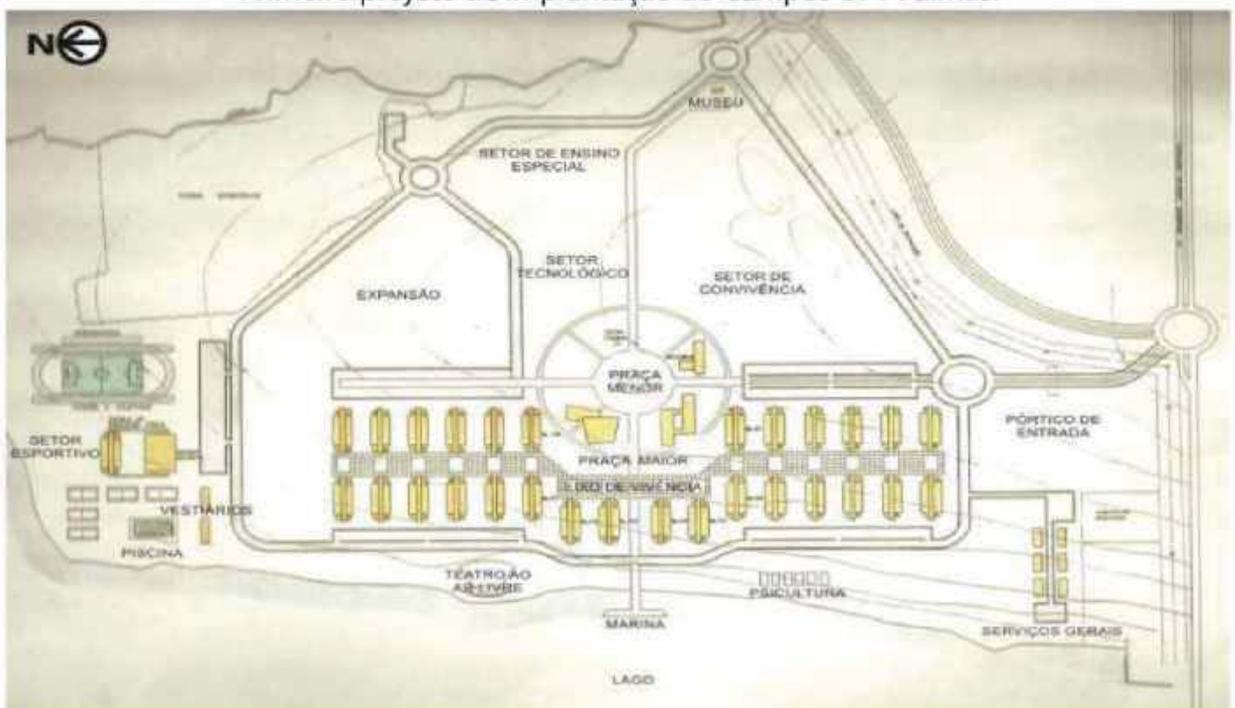
Através de imagens aéreas, obtidas no Google Earth, é possível acompanhar o processo de ocupação do campus no decorrer dos anos. A imagem abaixo de 2002 mostra o começo da implantação do campus e os primeiros edifícios construídos, dentre eles o lugar de estudo, o bloco 1. É possível notar que, em 2002, os primeiros prédios construídos fazem parte da primeira fase do projeto original, ou algo semelhante a ele, que hoje corresponde aos blocos educacionais e administrativos I, II, III, IV, e o eixo de vivência entre eles.

Início do processo ocupação campus Palmas, 2002/2004.



Fonte: Google Earth. Adaptado por Autor.

Primeiro projeto de implantação do Campus UFT Palmas.



Fonte: Prefeitura do Campus Universitário UFT.

4.2 O BLOCO 1

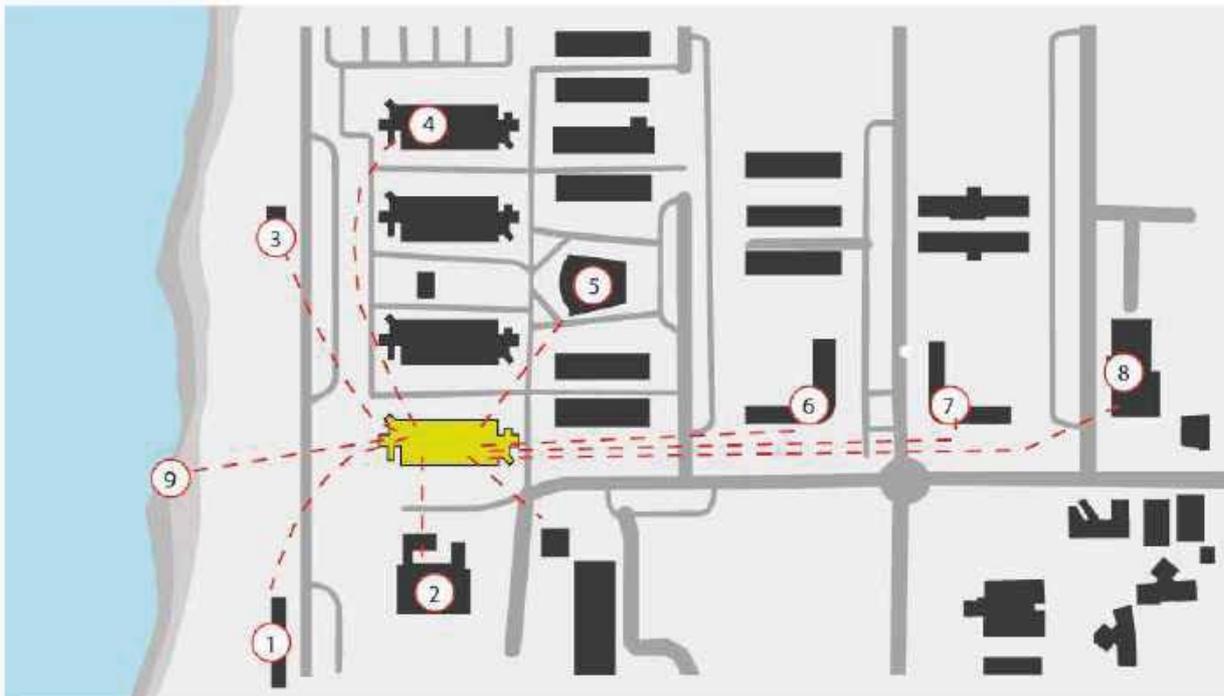
Conforme apresentado anteriormente, o Bloco 1 situado na Universidade Federal do Tocantins é um dos blocos mais antigos da universidade, sendo uma das primeiras unidades educacionais do campus, o qual inicialmente abrigava a biblioteca do campus, um dos edifícios mais versáteis por conta da sua arquitetura permeável e pela sua estrutura modular que possibilita reformas sem grande complicação.

O edifício bloco 1 possui uma posição importante quando aos demais blocos de salas de aula e por ter ligação direta com os demais edifícios de maior importância no campus, como por exemplo a atual Biblioteca do campus, bloco 4 que atualmente abriga a Reitoria do campus, lanchonetes etc. e principalmente pelo fato de estar no eixo passagem que é consequência da presença do ponto de ônibus.

Tal localização fez do edifício um dos mais movimentados por conta do caráter de passagem, uma vez que vários estudantes passam por ali ao descer na paragem de ônibus que fica a poucos metros da fachada oeste e também a mais importante do edifício o que é considerado uma grande potencialidade para o projeto de intervenção proposto, já que essa característica é responsável pelo constante movimento no corredor central do bloco, dando ainda mais relevância a proposta.

A proximidade com o lago também é fator importante na análise, pois deve-se ao fato de que alunos de todos os campus passam pelo bloco que faz parte do percurso até a praia que se tornou ao longo do tempo uma das áreas de lazer com maior prestígio entre os universitários pelo caráter acolhedor de praça, com equipamentos que possibilitam a permanência e o contato com a natureza. As características citadas anteriormente foram determinantes na escolha do lugar, levando em consideração a sua localização dentro da Universidade e os seus usos.

Esquema indicado as principais ligações do bloco 1 com outros equipamentos



- | | | | | | |
|-----------------|---|-------------------------------|---|-------------------|---|
| Ponto de ônibus | 1 | Bloco 4 - Reitoria provisória | 4 | Bala 2 | 7 |
| Biblioteca | 2 | Anfiteatro | 5 | Restaurante Univ. | 8 |
| Lanchonete | 3 | Bala 1 | 6 | Prainha Orla | 9 |

Elaboração: Autor, 2020.

Isométrica ilustrativa para o melhor entendimento dos fluxos

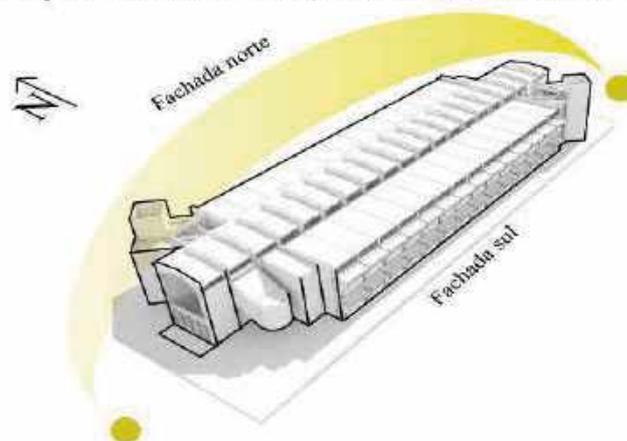


- | | | | | | |
|------------|---|-----------------------------|---|------------|---|
| Bala 1 | ● | Bloco 4 Reitoria provisória | ● | Bloco 1 | ● |
| Anfiteatro | ● | Bloco 2 | ● | Biblioteca | ● |
| | | | | Bloco 3 | ● |

Elaboração: Autor, 2020.

O bloco 1, é um edifício destinado às atividades do curso de Arquitetura e Urbanismo, uma dos fatores determinantes na escolha do local pra intervenção. O bloco conta com ateliês, laboratórios, salas de aula e setores administrativos entre outros. O diferencial do edifício é a ambiência agradável, permeabilidade e o conforto ambiental proporcionado pela sua posição geográfica com as fachadas maiores voltadas ao norte e sul, contando também com arborização densa nos arredores o que reduz a sensação térmica e deixa os ambientes bastante frescos, um dos fatores que favorecem a permanência nos espaços internos de forma agradável.

Ilustração indicando incidência solar no edifício.



Elaboração: Autor, 2020.

Imagem aérea para que seja possível visualizar a massa arbórea nos arredores do edifício.



Fonte: Google Earth, 2020.

O edifício é bastante permeável, por conta do espaço interno central livre de qualquer barreira física o que permite uma melhor ventilação natural e também iluminação indireta proporcionada por elementos arquitetônicos que permitem com que a luz entre, o tornando bem iluminado o que é de extrema importância quando tratamos de ambientes de aprendizado, ainda mais no contexto da intervenção onde as cores, texturas e demais elementos ganham ainda mais vida sobre influência da luz natural.

Imagens internas do Bloco 1.



Fotos: autor

Imagens corredor central do Bloco 1.



Fotos: Autor

O corredor central serve de passagem, mas se configura também um lugar de repouso e espera, mesmo não possuindo estrutura física apropriada para tal uso. O corredor central devido ao espaço amplo e permeável, se torna uma das partes mais importantes para a proposta. A permeabilidade permite contato visual direto com todas as partes do edifício, o que faz com que o extenso corredor de paredes brancas e janelas, passe ao observador a sensação de imensidão e grandiosidade, característica que valoriza qualquer tipo de intervenção proposta ali.

Imagens corredor e mezanino.



Fotos: Autor

4.3 ANÁLISE DOS ESPAÇOS FÍSICOS

O bloco 1 é um dos edifícios mais versáteis da universidade, seu programa básico é constituído de ateliês, laboratórios e espaços institucionais em sua maioria, espaços voltados às atividades do curso de arquitetura e urbanismo, assim como engenharias e outros, o que o caracteriza como um espaço criativo, uma vez que suas atividades lidam com criação de projetos, protótipos físicos como maquetes, estudo e aprendizado e também funciona como espaço expositivo onde alunos e professores se apropriam dos espaços internos para expor trabalhos e pesquisas relacionadas a vários temas da área de Arquitetura e suas tecnologias.

A partir desta análise de usos, é possível dividir o edifício em partes: o criativo, expositivo, espaços de uso comum, e institucionais. Entender o espaço e seus atuais e possíveis usos, é a chave para que seja possível elaborar uma proposta de intervenção de forma coerente e assertiva.

Ao observar os usos dos espaços, diagnosticando suas potencialidades, categorizando-os para que seja possível identificar áreas mais propícias ao experimento da intervenção, temos o esquema abaixo:

Esquema de análise de usos, e caracterização.

Criativo:

Oficinas, ateliês, salas de aula,

Laboratórios, ateliê pesado, Maquetaria.

Expositivo:

Galeria, espaços expositivos/corredor criativo

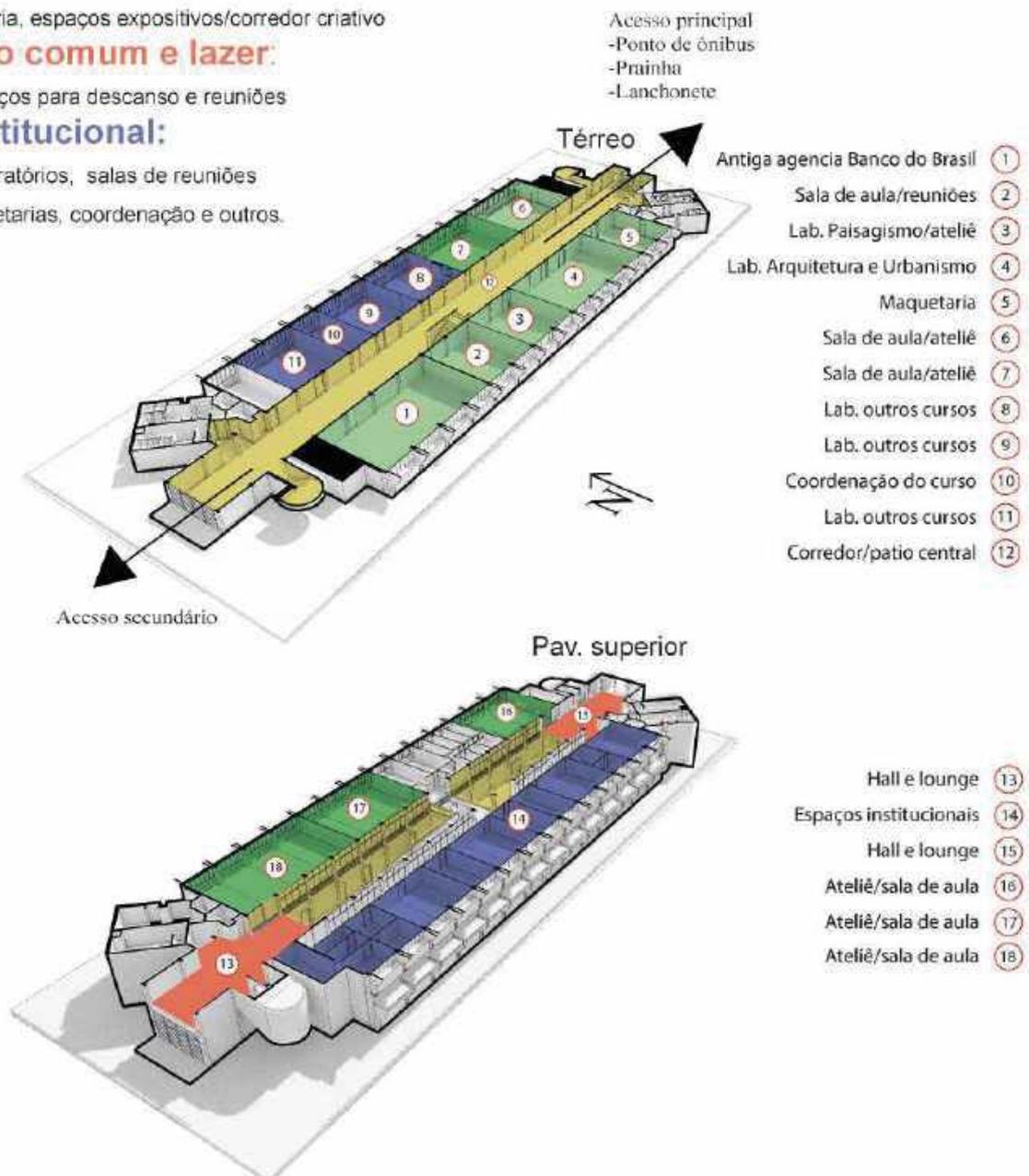
Uso comum e lazer:

Espaços para descanso e reuniões

Institucional:

Laboratórios, salas de reuniões

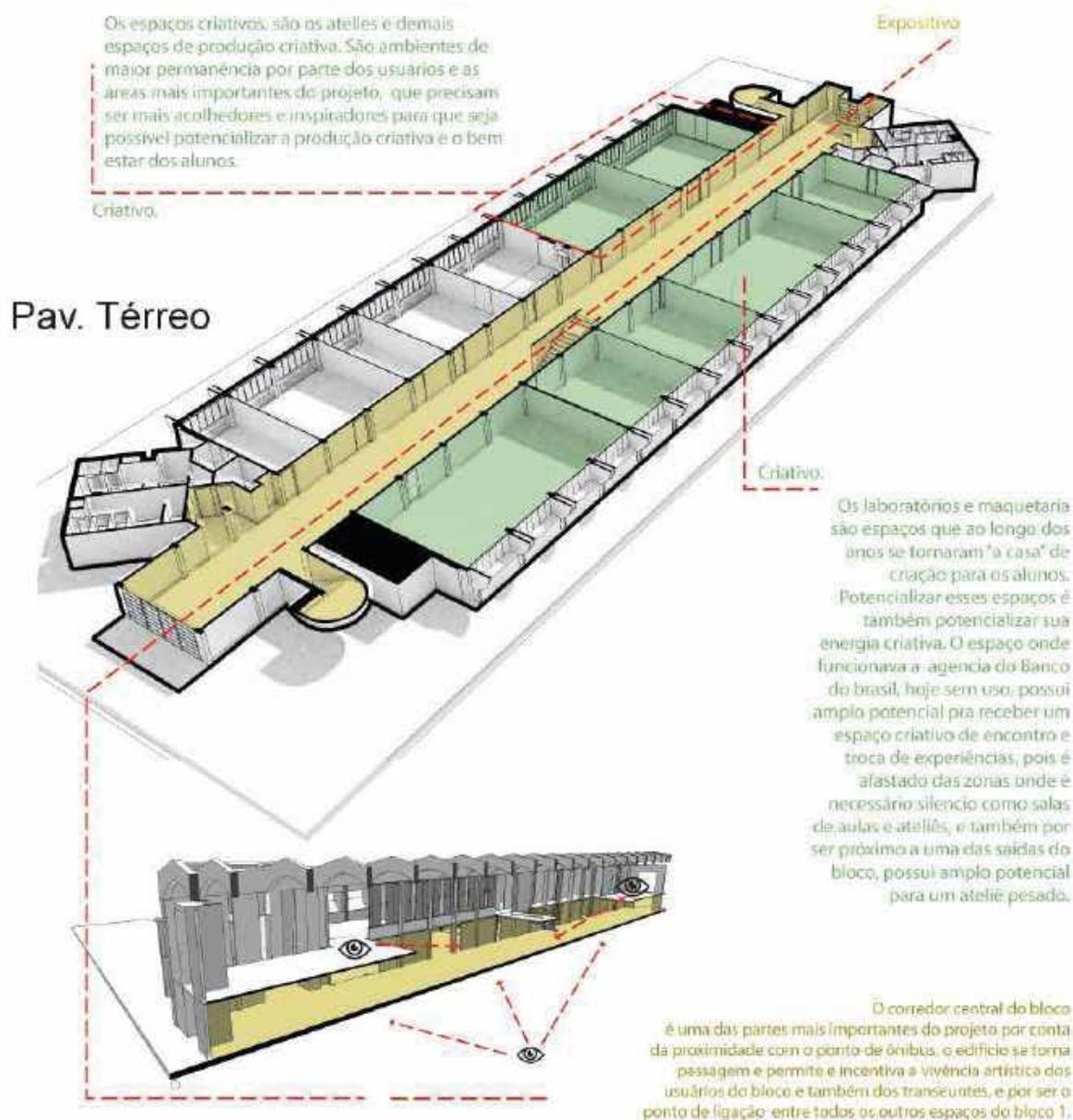
Secretarias, coordenação e outros.



Elaboração: Autor

Para melhor compreender os espaços e seus usos, os ambientes foram caracterizados de acordo com seus respectivos usos. O criativo seriam ateliês, salas de aula e de produção como maquetaria por exemplo; O expositivo traz a ideia de espaço para exposição de trabalhos acadêmicos, pesquisas, e demais produções criativas exercidas nas dependências do bloco ao longo dos últimos anos; Uso de lazer e uso comum, são áreas com grande potencial para espaços de descanso e lazer dos alunos, atividades recreativas e também pontos de encontro, analisadas a partir da própria apropriação dos usuários do espaço observadas durante anos convivendo com outros usuários do espaço.

Esquema de análise de usos, pavimento térreo.

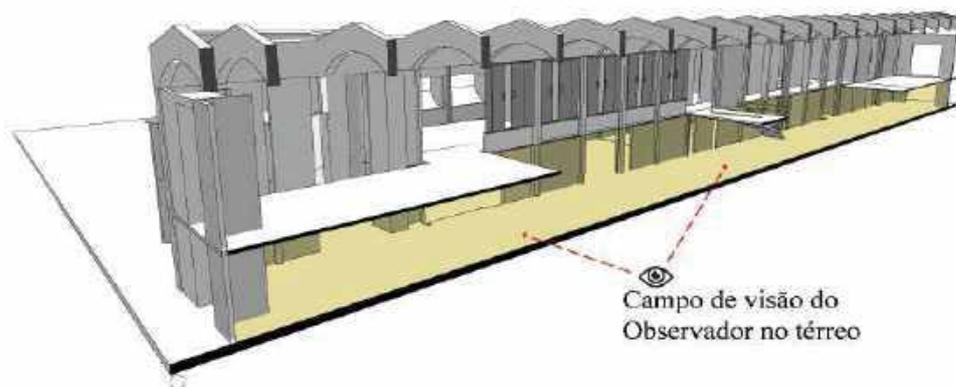
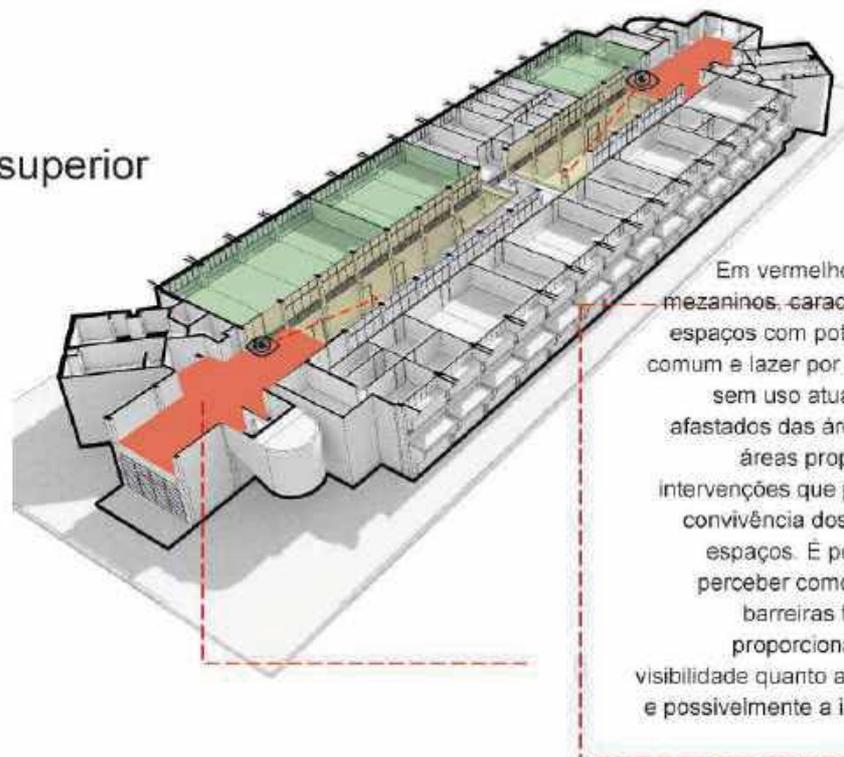


Elaboração: Autor

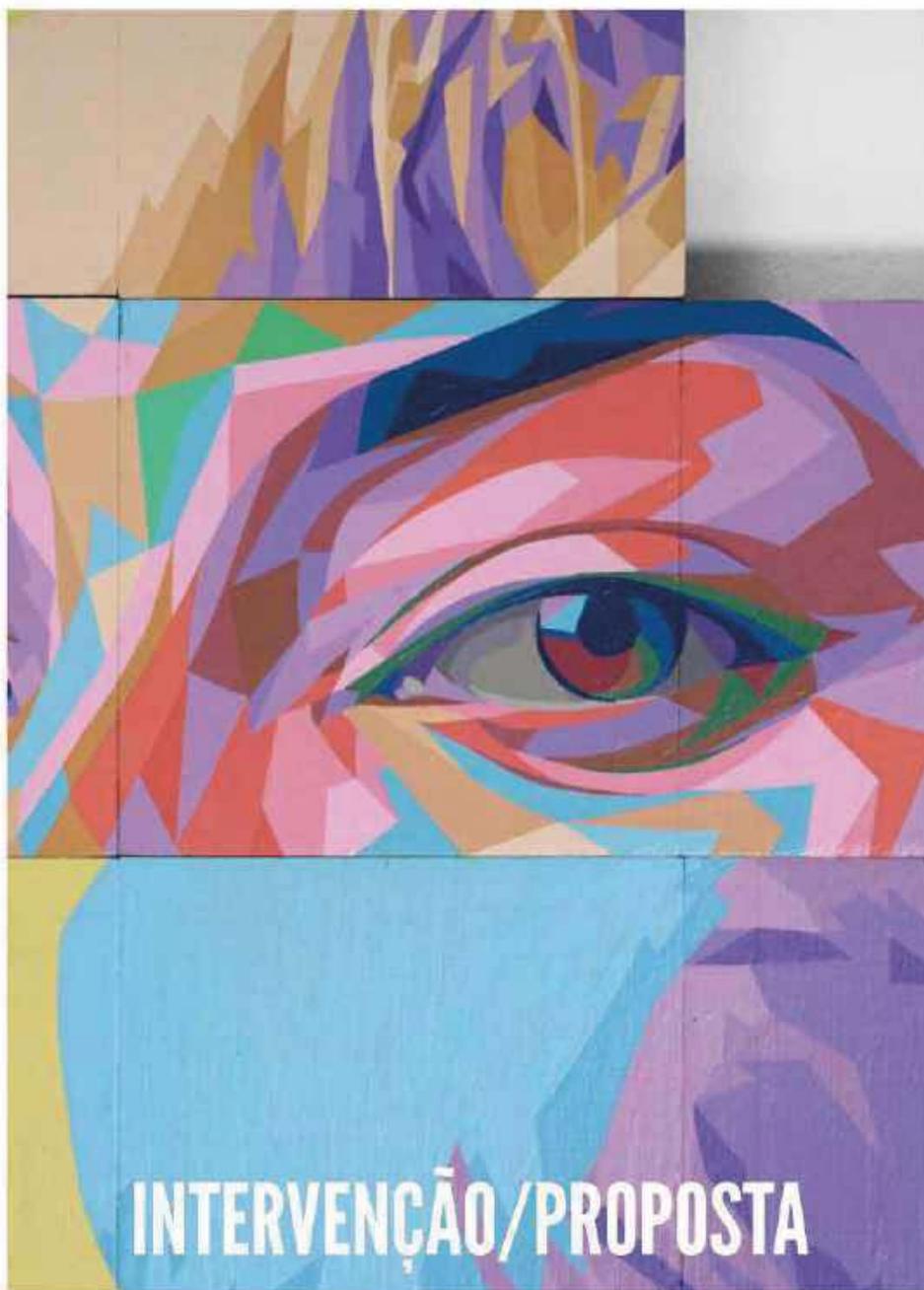
O pavimento superior também conta com espaços considerados criativos, como salas de aula, e uso comum e lazer, no caso os mezaninos que são espaços já utilizados pelos alunos, mas sem nenhuma estrutura adequada. A ideia é trazer para estes espaços, cores, texturas e formas, a fim de criar uma atmosfera lúdica que inspire e acolha os usuários do lugar, reforçando a ideia da arte como elemento transformador dos espaços coletivos, tornando-os mais atrativos e inspiradores. Mas uma vez a permeabilidade do bloco torna-se ainda mais importante, visto que dos mezaninos o observador tem amplo acesso visual, o que permite ter acesso a quase todos os espaços do térreo, trazendo a possibilidade de contemplação.

Esquema de análise de usos, pavimento térreo.

Pav. superior



Elaboração: Autor



O desejo do fazer artístico dentro do bloco 1, a colaboração e a troca de idéias é algo presente no curso desde que ingressei na Universidade em 2013. Sempre foi bastante comum, alunos e professores intervirem de suas maneiras, contribuindo coletivamente para que estes espaços fossem cada vez mais acolhedores e inspiradores. Hora fazendo pintura, hora escultura, um móvel desenhado e produzido ali mesmo, a necessidade da intervenção sempre incentivou e manteve acesa a chama da energia criativa existente ali.

Com base nesse breve histórico, é evidente que sempre houve amabilidade urbana nesse espaço. O desejo coletivo da transformação é o que toca o coração das pessoas, e o que move e inspira quem por ali passa. O presente trabalho é fruto de uma experiência pessoal, mas também coletiva, que traz consigo cada indivíduo que pelo bloco 1 passou e interviu.

Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo.



Foto: Eber Nunes

Intervenção em sala de aula, antiga Unitins.



Foto: Eber Nunes

Intervenções no Bloco 1 no Dia do Estudante de Arquitetura e Urbanismo, 2018



Fotos: Diretoria de comunicação Erea Toca, 2018

5.1 O CONCEITO

A produção criativa contemporânea se caracteriza principalmente por se relacionar com o espaço onde está inserido, sofrendo interferências e inspirações. Partindo desse pressuposto o conceito norteador deste trabalho é o desejo de incentivar e potencializar a produção criativa e vivência dos usuários do espaço proposto, através de um projeto de intervenção artística que tem como objetivo melhorar a qualidade dos espaços coletivos incentivando a vivência criativa através da arte, e a troca de experiências entre os usuários do mesmo, .

Como estudado anteriormente, a arte e a arquitetura podem coexistir criando assim uma memória do lugar, tornando-o mais atrativo, e inspirador. No contexto deste trabalho, a intenção é trazer a luz da inquietação artística das cores formas e texturas, para dentro do ambiente acadêmico, afim de criar uma atmosfera lúdica que seja capaz de mudar a percepção dos estudantes de arquitetura e demais usuários, ao mesmo tempo que os permite experimentar ativamente a arte, e não mais serem expectadores. Como já dizia Mondrian:

“Para que comprar uma obra de arte se podemos viver dentro da arte’

Através da permeabilidade do edifício, e pela relação interior/exterior com o restante do campus por conta da localização, o transeunte agora espectador da arte, é convidado a percorrer os espaços do bloco e vivenciar o a arte, carregada de cor, significado e criatividade.

A ideia central é Incentivar novos modos de fruição dos espaços internos do bloco, trazendo atrativos que possibilitam e intensificam a experiência de permanecer nesses espaços, gerando reflexões individuais e coletivas, incentivando o pensamento voltado ao aprendizado, experimentando o espaço coletivo como espaço expositivo de troca de idéias e amadurecimento profissional, emocional e social, através da arte.

5.2 Diretrizes projetuais.

A ideia de intervenção nasce a partir de quatro diretrizes; Criar; pensar; descobrir; transmitir; e trocar. A integração entre os espaços, permite um livre percurso, incentivando o usuário a descobrir e experimentar a obra implantada e os espaços de interação gerados, emergindo-o em meio a diversas manifestações artísticas, produções criativas, em um espaço que potencializa a relação obra-público-espaço, e que incentiva a troca de pensamentos e experiências.



Elaboração: Autor



Aqui você descobre e é convidado a entrar.



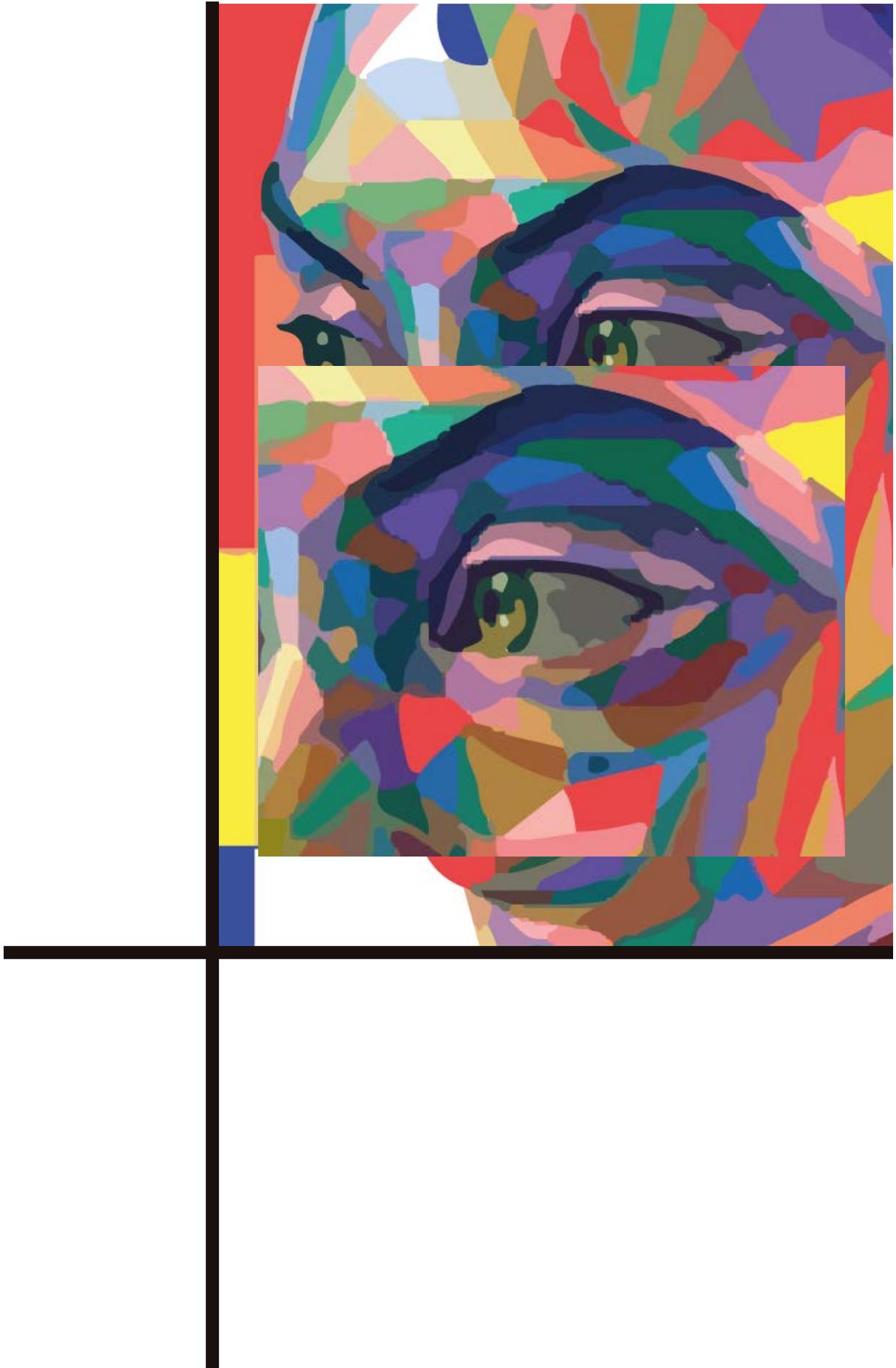
Aqui você sente o ambiente, amadurece e se inspira.

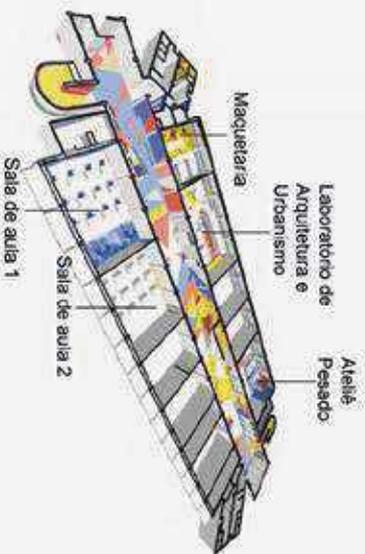


Aqui você liberta o seu eu criativo, tudo inspira você. As cores, as quentes te dão fome e energia, as frias vontade de descansar. você ressignifica o seu processo criativo, o ambiente pode fazer isso.

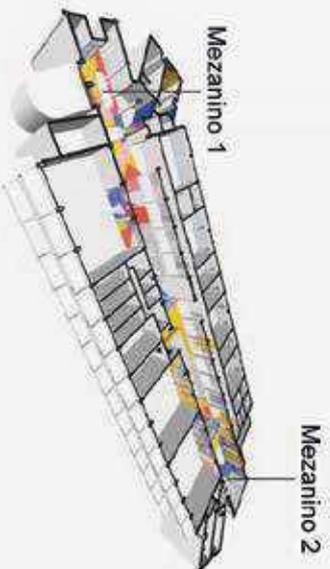


Aqui você troca. Expõe suas ideias e projetos. ouve, sente, cria junto. cria uma memória pessoal e emocional daquele espaço. espaço coletivo que agora te toca. você não vai sair daqui sendo o mesmo.

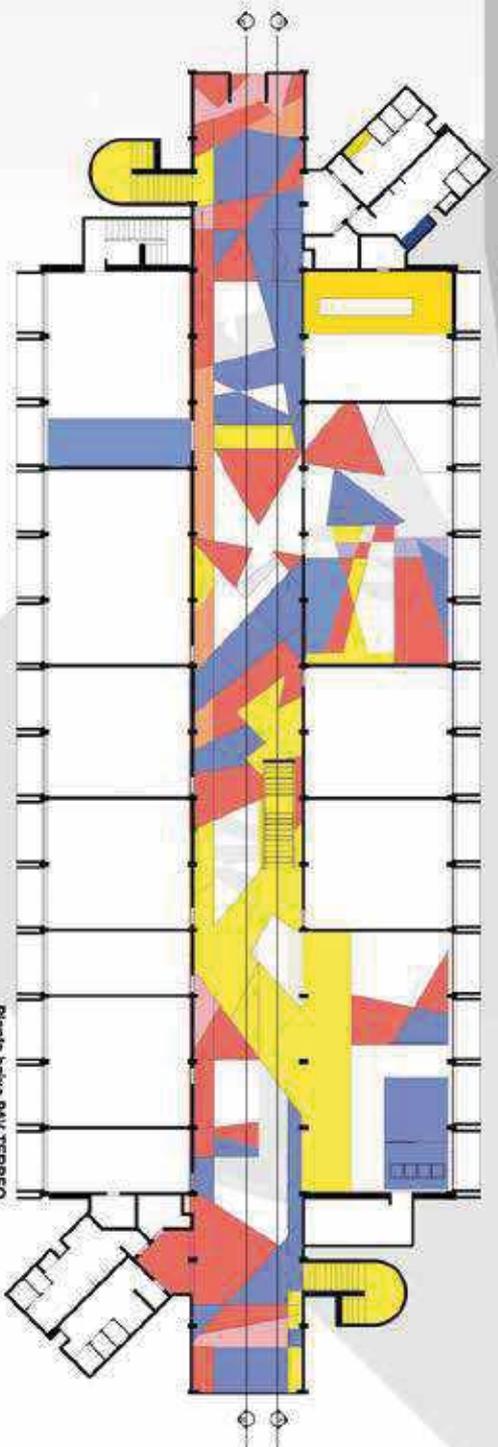




No pavimento térreo, encontram-se os ambientes de criação coletiva, maquetaria, ateliês e também laboratórios, além do corredor central expositivo. Aqui é possível a presença das cores quentes como o amarelo e vermelho, mescladas a cores frias (tons de azul) como forma de equilibrar a energia das cores nos ambientes. As cores quentes são estimulantes e produzem as sensações de calor, proximidade, densidade e vitalidade. Em contraste, as cores frias possuem nos transtornos sensíveis leves, aéreas e calmantes, para deixar as pessoas relaxadas, com conforto, devemos utilizar temperaturas de cores mais baixas, luz mais amarelada. A luz, mais amarelada, relaxa e acalma (SILVA, 2004, p.72). O que melhora a ambiente e a experiência humana e pedagógica.



No pavimento superior encontram-se os mezzaninos, transformando agora em espaços de descanso, reuniões e também destinados a atividades de leitura em outros. Aqui destaca-se o amarelo, a mais feliz das cores, que ilumina e traz energia criativa, com o vermelho usado na composição para trazer a ideia de movimento, da energia, esta relacionada com o coração, com a carne e com a emoção. Cor do amor, vem ao encontro e também também destaca-se o azul, a mais serena das cores, que policarifica e aumenta visualmente o espaço. O seu significado emocional desdobra-se espontaneamente entre a luz e a escuridão. É a cor do sonho, da ingenuidade, da inocência e da curiosidade.



Maquetaria



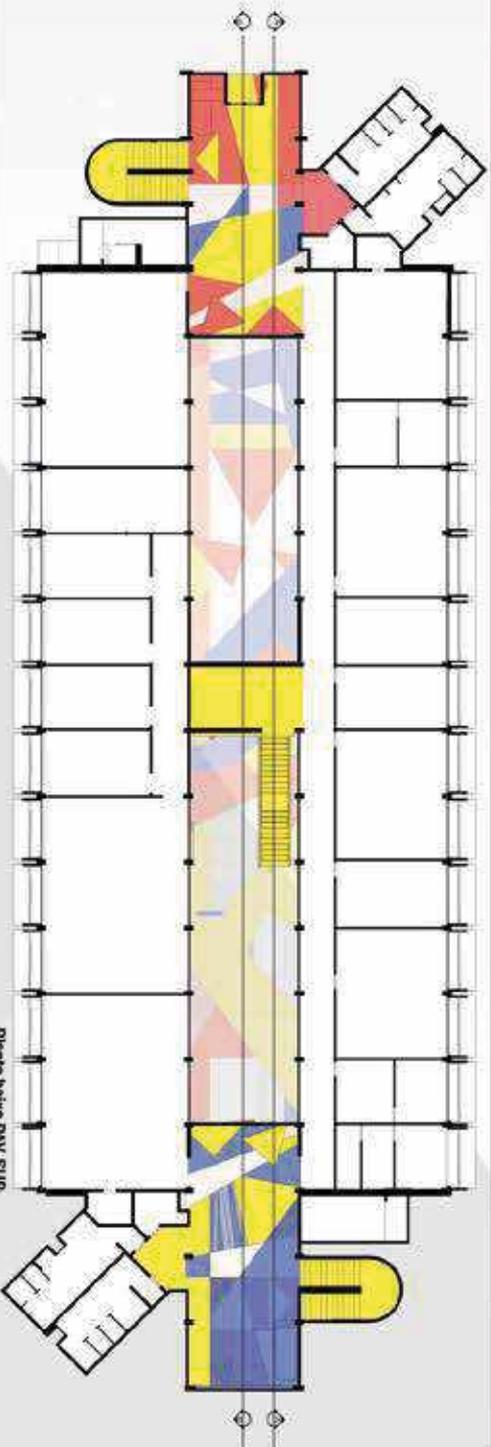
Ateliê pesado - antiga oficina BB



Sala de aula 1



LAU - Laboratório de Arquitetura e Urbanismo sem escada



Mezanino 2



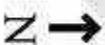
Mezanino 1



Mezanino 1



Mezanino 1



A influência que determinadas cores exercem no subconsciente do homem é de natureza psicológica, e, portanto, a questão de que tal cor está apta para tal finalidade, precisa de uma constatação psicológica (RAMBAUSKE, s.d., p.7).

As imagens a seguir mostram a aplicação da intervenção no espaço construído, contemplando o que foi estudado no enfoque teórico.. Abaixo percebe-se como a intervenção se materializa e propõe novos modos de fruição desdes espaços, utilizando cores, e formas geométricas como elementos principais.





O espaço onde anteriormente se situava a agência do Banco do Brasil, espaço agora transformado em um ateliê pesado, para fins diversos. A intervenção traz referência da obra de Piet Mondrian, citado no enfoque teórico como um dos fundadores do Neoplasticismo, movimento cuja característica marcante são as cores primárias e a geometria básica.



Laboratório de Arquitetura e Urbanismo (LAU).



Maquetaria.

Considerado um ambiente destinado á atividades práticas, a intervenção que aqui foge da desconstrução geométrica tem como foco proporcionar leveza ao ambiente. Destaca-se o amarelo e o preto em sua composição em planos de contraste paralelos. O amarelo estimula a visão, o que melhora as condições de trabalho nesse ambiente. É também um estimulante mental, desencadeia energia para os músculos, além de acalmar certos estados nervosos, e é a cor mais luminosa, e em contraste com o branco e o preto, transmitem a sensação de equilíbrio.



No corredor central, próximo ao acesso oeste, predominam cores como amarelo e vermelho, cores quentes e energicas, inseridas propositalmente para incentivar o animo e despertar a curiosidade de quem passa por ali. Como cita RAMBAUSKE, s.d, .O amarelo, é a mais feliz de todas as cores. São poucos os aspectos negativos do amarelo. É uma cor alegre, mas não é muito popular. É a mais luminosa das cores, o que vem bem a calhar num espaço que acolhe exposições e outras atividades.



Nas salas de aula do térreo, a intervenção acontece no forro, deixando as paredes brancas para que haja sobriedade no ambiente afim de priorizar a atividade didática. A presença do verde e do azul, está relacionada, segundo Rambauske (s.d., p.32), com o equilíbrio emocional. são cores da primavera, da renovação da vida, portanto, da esperança, acalma as angústias, transmite uma sensação de tranquilidade. Cores ideais para ambientes que exigem concentração. A intervenção no teto baseia-se na idéia da expansão, aumenta a altura do ambiente e proporciona a sensação de grandeza, relacionada a infinitude do céu, e do mundo das idéias.



Vista do corredor central.



Mezanino 1 - Pavimento superior.



No mezanino 2, o uso intenso das cores azul e amarelo. O azul, por sua vez transmite elegância para o ambiente, co fria e leve, a cor do sonho, serenidade e paz. Já o amarelo, provoca mistério e uma sensação de libertação dos medos, pois é considerada uma cor de transformação, a cor da inquietude e criatividade. Uma combinação pensada no espaço de uso diverso como espaços para reuniões, estudo e leitura.



5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolveu-se com o objetivo de aplicar uma proposta de intervenção artística no o bloco 1, Na Universidade Federal do Tocantins em Palmas, Tocantins, com caráter agregador e potencializador da energia criativa nos ambientes de aprendizado, implementando melhorias na qualidade dos espaços através de intervenções visuais e físicas como mobiliário, em consonância com práticas de muralismo, e outras técnicas artísticas.

Abordou-se o tema através de um referencial teórico, que elucidou um conjunto de conceitos pertinentes à proposta. Pautado em temas que refletem a interface entre o ser e o espaço físico contruído e a arte em diversos contextos históricos e culturais, somou-se aos capítulos conceituais alguns estudos de caso que obtiveram êxito na aplicabilidade destes conceitos em intervenções urbanas.

Em seguida, elaborou-se uma análise pra identificar espaços propícios pra a intervenção, afim de intervir de forma assertiva, alcançando o objetivo final da proposta.

À partir destas contribuições, e do entendimento do projeto do edifício, esboçou-se a proposta para a intervenção. Apesar do forte caráter apropriativo do lugar que já oferecia condições para o uso do mesmo, ainda faltava a luz da inquietação criativa, cor, referências, algo que remetesse a memória daqueles espaços e o tornassem mais inspiradores, o que trouxe força a proposta que baseia-se na transformação dos espaços coletivos através da arte.

A proposta aplicada, mostra como é possível transformar os espaços e propor novos usos, e como a arte e arquitetura podem coexistir e se complementar, prezando pela melhoria da qualidade dos ambientes de convívio e de ensino. Considera-se que, após a realização da proposta, novos modos de fruição dos espaços coletivos irão ganhar força dentro da universidade, e mudar a forma com que os estudantes enxergam a arte, arquitetura, e o mundo ao nosso redor, trazendo sociabilidade, energia, cor, e acima de tudo, novos modos de pensar e agir diante do universo Arquiteônico a partir de uma perspectiva artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, G. C. História da Arte como história da cidade. São paulo: Martins Fontes, 1998. CAMPBELL, B. Arte para uma cidade sensível. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CARTAXO, Z. Pintura em distensão. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2006. SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. Territórios Estéticos: a experiência do projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994-2002). 1º Edição. São Paulo, Ed. Annablume, 2011.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea. 1º Edição. Rios de Janeiro. Casa da Palavra. Faperj, 2013.

SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. Territórios Estéticos: a experiência do projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994-2002). 1º Edição. São Paulo, Ed. Annablume, 2011

PALLAMIN, Vera M. Arte Urbana; São Paulo : Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente. São Paulo, Fapesp, 2000.

Catálogos:

De dentro e de fora: arte contemporânea, 2. Curador Responsável teixeira coelho. São Paulo: Comunique Editorial: Choque Cultural: 2012

HELLER, Eva, 1948 - 2008. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão / Eva Heller; [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. -- 1.ed. -- São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

ANDRÉS, R.R. Da arte para a arquitetura: dispositivos artísticos contemporâneos como meios de investigação de arquitetura. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ASCHKENAS, D. Tilted Arc, Richard Serra. 1985. Disponível em <https://www.pbs.org/wgbh/cultureshock/flashpoints/visualarts/tiltedarc_big1.html >. Acesso em <28-nov-2020>.

CAMPOS, J. Painel Ray Charles. 2016. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/roteiro-de-10-murais-incriveis-paraconhecer-em-curitiba/> >. Acesso em <28-dez-2020>.

CARTAXO, Z.; ARTE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: a cidade como realidade. Revista Cartaxo, Rio de Janeiro, V.1, n.1, 2009.

CARTAXO, Z. Pintura em distensão. Rio de Janeiro: Oi Futuro/Secretaria do Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2006.

KAPOOR, A. Marsyas, Anish Kapoor. 2002. Disponível em <<https://www.tate.org.uk/whatson/tate-modern/exhibition/unilever-series/unilever-series-anish-kapoor-marsyas> >. Acesso em <28-out-2020>.

LANDOIS-FAVRET, A. Les Deux Plateaux de Daniel Buren. 2015. Disponível em <<https://artcontemporainetpatrimoine.wordpress.com/2015/04/23/les-deux-plateaux-de-danielburen-entre-polemique-et-succes-popula/> >. Acesso em <28-mar-2020>.

LEITE, J. C. C. (org.). UTFPR: uma história de 100 anos. 1ed. Curitiba, Editora UTFPR, 2010. MADERUELO, J. LA IDEIA DE ESPACIO: En la arquitectura y el arte contemporáneos, 1960- 1989. España, Editora Akal, 2008.

RAMBAUSKE, Ana Maria. Decoração e Design de Interiores: Teoria da Cor. s.d. Disponível em <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/teoria-da-cor.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2020.

